



# atos

## do conselho geral

---

ano LXXXII abril-junho 2001

Nº 375

**Órgão oficial  
de animação  
e de comunicação  
para a  
Congregação Salesiana**

**ROMA  
DIREÇÃO GERAL  
OBRAS DE DOM BOSCO**



# atos

## do Conselho Geral da Sociedade Salesiana de São João Bosco

ÓRGÃO OFICIAL DE ANIMAÇÃO E DE COMUNICAÇÃO PARA A CONGREGAÇÃO SALESIANA

**Nº 375**  
**ano LXXXII**  
**abril-junho**  
**2001**

1. CARTA DO REITOR-MOR	1.1 P. Juan E. VECCHI "EIS-ME AQUI! VENHO PARA FAZER A TUA VONTADE" Nossa obediência: sinal e profecia ..... 3
2. ORIENTAÇÕES E DIRETRIZES	2.1 P. Antonio MARTINELLI Animação espiritual e pastoral dos grupos pertencentes à Família Salesiana valorizada pelos carismas da ordenação presbiteral ..... 50
3. DISPOSIÇÕES E NORMAS	<i>Não constam neste número</i>
4. ATIVIDADES DO CONSELHO GERAL	4.1 Crônica do Reitor-Mor ..... 63 4.2 Crônica do Conselho Geral ..... 66
5. DOCUMENTOS E NOTÍCIAS	5.1 Mensagem do Reitor-Mor ao Movimento Juvenil Salesiano ..... 69 5.2 Decreto sobre a heroicidade das virtudes da Serva de Deus María Romero Meneses, FMA ..... 73 5.3 Novos Inspetores ..... 78 5.4 Novos Cardeais Salesianos. Saudação do Reitor-Mor ..... 81 5.5 Novo Bispo Salesiano ..... 84 5.6 Estatísticas do pessoal salesiano em 31.12.2000 ..... 86 5.7 Irmãos falecidos (2001 – 1º elenco) ..... 89

Tradução: *P. José Antenor Velho*

**SALES****IANAS**

**Escolas Profissionais Salesianas**

Rua Dom Bosco, 441

03105-020 – São Paulo - SP

Fone: (11) 3277-3211 • Fax: (11) 279-0329

Fax/Vendas: (11) 279-4084

E-mail: [sdbmooca@salesianos.org.br](mailto:sdbmooca@salesianos.org.br)

Home page: <http://www.salesianos.org.br>

## “EIS-ME AQUI! VENHO PARA FAZER A TUA VONTADE”<sup>1</sup>

### Nossa obediência: sinal e profecia

Falemos disso novamente. – 1. Primeira e radical Bem-aventurança. – 2. Valor da obediência religiosa. 2.1. *“In capite libri scriptum...”* – 2.2. No seguimento de Cristo. – 2.3. Com Maria. – 2.4 Como Dom Bosco. – 3. Valor em transformação. – 3.1. Elementos culturais. – 3.2. Elementos eclesiais. – 3.3. Diretrizes de marcha. – 3.3.1. Da ascética à mística da obediência. – 3.3.2. Membros responsáveis de uma comunidade obediencial. – 4. Obediência para a hora presente. 4.1. Nossa vocação é obediência “em formação”. – 4.2. Pedagogia da obediência. 4.3. Nossa vocação é obediência de vida e de missão – 4.4. Nossa existência é obediência profética. – 5. Obediência para o terceiro milênio. – 6. Anunciação: apelo e resposta.

Roma, 25 de março de 2001

*Solenidade da Anunciação do Senhor*

### Falemos disso novamente

Falar hoje de obediência não é coisa fácil. Está acontecendo uma “transmutação” do próprio conceito, que seria ingenuidade ignorar. É o tributo a ser pago ao avanço do critério democrático e, por muitos aspectos, da visão individualista da vida, à superação de delegações a quem tem o serviço da autoridade, à assunção de modalidades mais maduras de colaboração ao bem comum, à demitização da autoridade, para fundá-la mais humildemente na co-responsabilidade no interior de um horizonte de fé.

“A obediência não é mais uma virtude”, diz o título de um livro famoso. Há que se reconhecer “desobediente” sem dificuldade

---

<sup>1</sup> Hb 10,7

(com uma ponta de orgulho anticonformista...). Não falta, ainda, quem veja na obediência “o sinal de uma maioria jamais amadurecida”. A afirmação contém um germe de verdade, quando referida à delegação de responsabilidades que alguns descarregam totalmente sobre quem comanda. A *Gaudium et Spes* garante que a responsabilidade da pessoa se define perante a história<sup>2</sup>. E a nossa responsabilidade se define diante da história local e mundial. A obediência é, por isso, virtude quando, segundo a própria situação, se assume e partilha seriamente a responsabilidade sobre a vida e o carisma. Vale a pena recordar, na iminência do CG25, quando já estão sendo encaminhados os Capítulos Inspetoriais que o preparam, que todos nós somos chamados a descobrir a vontade de Deus quanto ao nosso futuro próximo, libertando nossos olhos de visões muito individuais ou interessadas.

Infelizmente, acontece ver manípulos de “livres batedores”, que se arriscam a cunhar... moedas falsas. Velejam “navegadores solitários”, que fazem uma batalha pessoal e parecem incapazes de alcançar qualquer porto comunitário. Existem “cães vadios” — escreveu-se com amargura — que não se voltam contra a presa, não defendem a casa e não são nem sequer capazes de fazer companhia... Indicação de desconforto, que espera uma resposta.

É necessário admitir, pois, que a obediência não goza de boa reputação na cultura corrente. Ela não é uma daquelas virtudes que despertam simpatia à primeira vista nem, quem sabe, um dos dons que o jovem e o homem contemporâneos desejam possuir, a ponto de pedi-la, por exemplo, na própria oração habitual. O problema mais profundo, porém, não está tanto em sua prática, quanto no fato de não perceber o fundamento teológico que expressamos no título. A obediência religiosa, de fato, quer inserir-se na de Jesus pela redenção do mundo.

---

<sup>2</sup> cf. GS 55

Disse alguém que “a obediência removida como virtude teologal na vida consagrada, retorna como doença”. Defrontamos, então, com fundamentalismos, que se assemelham muito a uma ideologia cega. Encontramos, em nosso caminho, fortes lideranças que não parecem ajudar muito a amadurecer. Devemos admitir formas de manipulação que testemunham, das duas partes, a persistência de grandes imaturidades. Encontramos, ao mesmo tempo, individualismos injustificados e não confrontados com o projeto de vida assumido salesianamente.

Nada de novo sob o sol... A não ser a necessidade de refletir desde o início, também sobre a obediência do salesiano, no contexto eclesial e social contemporâneo, para reconhecer o seu sentido, valor e novo estilo de exercício. Isso dá a oportunidade de completar a nossa reflexão sobre os sinais que a nossa vida comunitária é chamada a dar a jovens e adultos, através dos conselhos evangélicos<sup>3</sup>, não como sacrifício da nossa humanidade, mas uma abertura à sua transfiguração segundo a humanidade de Cristo, como comenta abundantemente a Exortação apostólica *Vita Consecrata*<sup>4</sup>.

## 1. PRIMEIRA E RADICAL BEM-AVENTURANÇA

A obediência é uma virtude adulta. Melhor, só pode ser uma virtude adulta. Propomo-la aos nossos jovens não para mantê-los infantis, mas para ajudá-los a serem adultos. Falamos dela no contexto da vida consagrada, não só porque se trata do *abc* da vida comum, mas porque representa a porta de ingresso no Mistério de Cristo, e também o seu “*sancta sanctorum*”, o seu lugar mais secreto, mais revelador e mais fecundo. Newman escreveu:

<sup>3</sup> Vejam-se as duas cartas anteriores: *Um amor sem limites a Deus e aos jovens* (ACG 366) e *Enviados a anunciar uma alegre mensagem aos pobres* (ACG 367)

<sup>4</sup> cf. VC 87-92

“Não saberão o que significa ver a Deus, enquanto não tiverem obedecido”, e ainda: “a perfeita obediência é a medida da santidade evangélica”<sup>5</sup>.

O religioso que se coloca no seguimento de Cristo assume suas atitudes fundamentais. Vive um amor de total doação que renuncia buscar qualquer coisa para si e se exprime na castidade. Anuncia, através da pobreza, a partilha radical dos bens, colocados vigorosamente a serviço da comunhão e da solidariedade. Com o voto de obediência, entrega a própria existência ao projeto de Deus, acolhido com total abandono, através do misterioso entrelaçamento das humildes (às vezes até muito humildes) mediações humanas.

Os votos representam as três raízes da árvore da nossa vida. Não é, decerto, intenção nossa, oferecer raízes ressequidas e morte: queremos, antes, transplantar uma árvore viva, para fazê-la crescer ainda mais, transferindo-a da nossa terra à Sua terra. A obediência é o sinal da “terra nova” em que a nossa vida já plantou a sua tenda. É a atitude que fundamenta o *Totus tuus*, que vemos escrito nos estandartes de João Paulo II: com ele, dirigimo-nos ao Pai, a exemplo de Cristo, para fazer do seu Reino, a nossa casa.

Há, no Evangelho, uma expressão que explicita a bem-aventurança para os “puros de coração”. Também uma outra para os “pobres de espírito”. Outras cantam os mansos, os que buscam a justiça, os semeadores de paz, os perseguidos... Para a obediência, não há uma formulação explícita. Ela é proclamada, pode-se dizer, a cada página de Evangelho. A ela referem-se todas as demais. É a totalidade do Evangelho que, da Anunciação de Jesus à sua morte na cruz, proclama a bem-aventurança da comunhão com o Pai.

---

<sup>5</sup> cf. J. H. NEWMAN, PPS VIII, S. 5; VIII, S. 14

O Filho obedece à Mãe e a Mãe ao Filho. Obedecem, nas parábolas, os servos bons e os administradores fiéis, à espera do seu Senhor. Manifestam espírito de obediência os que saem de debaixo das pontes e de detrás das sebes, e entram por estradas e veredas para encher a sala do banquete, levando sob o braço a veste cândida.

É a bem-aventurança ligada à intimidade do Filho com o Pai. Quem quer que queira dar algum passo no caminho de Cristo é chamado a entrar no Mistério da Sua obediência.

Relendo o que Dom Bosco dizia sobre a obediência — um tema que muito lhe agradava — evidencia-se a centralidade que lhe é atribuída pelo Santo Educador, tanto na vida da Congregação, quanto no organismo espiritual de todo salesiano, e em vista da eficácia da ação educativa.

A idéia de Dom Bosco é traduzida plasticamente no assim chamado “sonho dos diamantes”<sup>6</sup>: “o maior e mais fulgurante estava no meio, como centro de um quadrilátero, e trazia escrito “Obediência: base e coroamento do edifício da santidade”. É a imagem da centralidade carregada de energia, transmitida aos eixos da vida. E não se referia certamente apenas à obediência que acaba na mediação, mas àquela que alcança e assume a doce vontade do Pai.

A obediência — nota Dom Bosco — é o meio mais fácil para fazer-se santo e é energia capaz de santificar qualquer ação. É alma da Congregação, eixo da vida religiosa e compêndio da perfeição. Mantém virtudes, multiplica energias e o bem. Deve ser exercida de modo evangélico, não de modo amuado, mas com os corações abertos, que vivem o espírito de família, testemunham a alegria e a paz de quem sente próximo o seu Senhor.

---

<sup>6</sup> cf. MB XV, p. 183

Quem folheia hoje as Constituições salesianas, na seção dos votos encontra o voto de obediência em primeiro lugar. Nem sempre foi assim. Fiel à organização originária dada por Dom Bosco — e diversamente da ordem seguida tanto pelo Concílio como pela antiga tradição monástica — o CG22 (1984), que preparou a edição definitiva das Constituições renovadas, quis que o voto de obediência voltasse a ocupar o primeiro lugar, entre os três<sup>7</sup>. Dom Bosco, de fato, tinha corrigido a ordem dos votos encontrados em suas fontes, colocando a obediência em posição eminente, para evidenciar a sua energia de missão, de santificação, de comunhão. Uma opção que quer comunicar-nos uma mensagem.

Quer sugerir-nos que “o ser enviado” aos jovens é o coração da vocação salesiana: recebemo-la como instrução para colocar-nos numa fronteira arriscada e urgente, custe o que custar, decididos a ficar nela até o fim. Saber-se e sentir-se responsáveis pelos jovens é a característica de quem recebeu tal missão. “Revivemos... a obediência de Cristo, cumprindo a missão que nos é confiada”<sup>8</sup>. Jamais poderá ser perdida esta primeira e substancial referência ao Pai que nos envia e a Cristo em cuja obediência nos inserimos, para não fazer da obediência apenas um esforço de vontade ou um exercício de disciplina.

A obediência é também o fundamento da vida fraterna, na qual “obedecemos todos, embora com encargos diversos”<sup>9</sup>, reconhecendo que a disponibilidade à vontade de Deus é o cimento espiritual, que salva o grupo da fragmentação, que poderia derivar das muitas subjetividades, destituídas de um princípio de unidade.

---

<sup>7</sup> cf. *O Projeto de vida dos Salesianos de Dom Bosco*, pp. 471-472

<sup>8</sup> C 64

<sup>9</sup> C 66

A obediência, assumida como imitação de Cristo, invoca uma autoridade que se inspira na paternidade de Deus, no “espírito de família e caridade”<sup>10</sup>, que acompanha a obediência sincera, pronta e alegre<sup>11</sup>, que foge ao mesmo tempo do sentimento de vítima e dos subterfúgios.

“Na comunidade e em vista da missão obedecemos todos”<sup>12</sup>. A obediência surge como condição comum para todo salesiano, embora na diversidade dos encargos. Ela olha lucidamente para Cristo, nutre-se da sua palavra, vive do dom cotidiano da Eucaristia. É garantia de unidade e continuidade da Congregação, princípio que unifica a existência e a oferece com totalidade de dom, para a salvação dos jovens e para a vida da comunidade.

## 2. VALOR DA OBEDIÊNCIA RELIGIOSA

### 2.1 “*In capite libri scriptum...*”

Para o apóstolo Paulo, assim como o pecado se concentra na desobediência de Adão, também a força da redenção se exprime na obediência de Cristo<sup>13</sup>.

O Salmo 40 — interpretado pelo autor da carta aos Hebreus — evoca o “Eis-me aqui” do Filho no ato da encarnação: “Não te agradaram nem os holocaustos nem os sacrifícios pelos pecados. Então eu disse: ‘Eis-me aqui, ó Deus para fazer a tua vontade. Pois essas palavras escritas no começo do livro se referem a mim’”.

A obediência, *com, em e por Cristo*, é expressão do íntimo e contínuo “sentir-se gerado pelo Pai”, que constitui a profundidade

<sup>10</sup> C 65

<sup>11</sup> cf. *ibid.*

<sup>12</sup> C 66

<sup>13</sup> cf. Rm 5,18-20

do seu Mistério, a fonte da sua exultação e do impulso que o leva a fazer sempre a vontade do Pai. Ela se traduz em dizer não palavras próprias, mas as do Pai; em fazer não obras próprias, mas as do Pai; em nutrir-se todos os dias não da própria vontade, mas do alimento cotidiano, que é a vontade do Pai<sup>14</sup>.

A obediência, em Cristo, é consciência do “saber-se gerado, para ser enviado” — missionário do Pai, em meio a uma raça de víboras e de cerviz dura<sup>15</sup>, sob a energia do Espírito — não para agir em nome próprio, mas somente para servir a causa do Reino, nos modos e nos tempos e com os resultados conhecidos somente ao Pai, libertando os prisioneiros, anunciando aos pobres a boa nova e aos pecadores o ano de graça do Senhor.

Cristo é o *Amém*<sup>16</sup>. Ele é o *Sim*<sup>17</sup> e o *Eis-me aqui*<sup>18</sup>. É o *Servo* obediente, que aprende a obedecer a partir do próprio sofrimento<sup>19</sup>.

Em Jesus, a obediência não é uma simples virtude, mas a própria definição da sua identidade e a expressão da sua Filiação, do seu ser chamado pelo Pai, através da geração, e do seu contínuo responder “Eis-me aqui”!

Jesus estando “coração a coração” com o Pai, não se limita a obedecer. Ele obedece também estando “coração a coração” com o mundo. Aceita com humildade e realismo as mediações: José e Maria, que o tratavam como um menino normal, que cresce obedecendo; as leis e os costumes religiosos, que o querem um fiel orante na sinagoga e um devoto peregrino em Jerusalém; a severa lei do trabalho e as circunstâncias que o acompanham, que sempre impõem — sobretudo aos pobres — obediências difíceis.

---

<sup>14</sup> cf. Jo 4,34; 6,38; 8,28-29

<sup>15</sup> cf. Mt 12,34; 23,33; Ex 32,9; 33,5

<sup>16</sup> Ap 3,14

<sup>17</sup> 2Cor 1,19-20

<sup>18</sup> Hb 10,7

<sup>19</sup> Hb 5,8-9

A obediência resume toda a pré-história e a história de Cristo, mas especialmente os acontecimentos da paixão. Para Cristo o nascimento foi obediência, perdendo-se, por assim dizer, na carne do homem. Foi obediência a vida, revestindo-se do anonimato e do silêncio de Nazaré. Foi obediência o ministério da vida pública: “Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e levar a termo a sua obra”<sup>20</sup>. Obediência, enfim, levada às últimas conseqüências, foi a auto-entrega à vontade do Pai até à paixão e cruz.

Coincidem na cruz o Mistério da vontade salvífica do Pai, o Mistério da obediência redentora do Filho, o Mistério doloroso e obscuro da desobediência do homem — que arma a mão medrosa de Pilatos e a mão homicida dos verdugos — destinada a ser vencida para sempre pela obediência do Filho de Deus.

“Toda a atitude existencial de Cristo se concentra na obediência a Deus, uma obediência que não nasce espontânea, mas se educa através do sofrimento (cf. Hb 5,8) e desemboca na cruz” (Fl 2,8)”<sup>21</sup>. É supérfluo repetir que no acontecimento de Jesus e em suas atitudes nós descobrimos o segredo da transformação do mundo segundo a vontade do Pai.

## 2.2 No seguimento de Cristo

É na obediência de Cristo que se encontra conjuntamente o amor do Pai e do Filho e o lugar em que se manifesta o Espírito. O Espírito de obediência é efundido porque os que são de Cristo são chamados a ser como Ele, acolhendo-o na fé e, portanto, numa relação impensável com Deus.

A Sagrada Escritura apresenta a obediência como o próprio coração da fé. De fato, a fé é auto-entrega e abandono total às

<sup>20</sup> Jo 4,34

<sup>21</sup> ABS, *Parola di Dio e spirito salesiano* (LDC 1996), p. 122

mãos e à palavra de Deus, que é sabedoria, luz, verdade e alegria, como repetem os Salmos. Obediência é receber dele, com confiança, o horizonte da vida, os critérios de julgamento, a verdade das coisas, a natureza da relação entre tempo e eternidade.

Fé é prontidão para receber por graça e por batismo uma nova identidade, que nos transfigura progressivamente em filhos no Filho: não está, portanto, fora de lugar chamar a tudo isso de “obediência”. Esta dimensão se manifesta mais claramente nos momentos mais dolorosos: quando Abraão deve imolar Isaac, quando João Batista agoniza na fortaleza de Maqueronte, quando Jesus acolhe o amargo cálice no Getsêmani, quando Maria oferece o Filho crucificado no Calvário e quando os mártires de todos os tempos dizem o seu *sim*, ao mesmo tempo a Deus e à morte, nas circunstâncias mais incríveis e dolorosas.

Não acontece diversamente, também a nós, transfigurados em Cristo, através do sacrifício da obediência, que nos coloca totalmente à disposição de Deus.

É a nossa participação no mistério do esvaziamento total do Filho, da sua tríplice *kenosi*: a da encarnação, que o imergiu na condição humana; a da paixão, que o despojou também da dignidade humana; a da Eucaristia, que o entrega, no mistério da cotidianidade, ao amor e à dor do homem.

### **2.3 Com Maria**

Obedece-se com mais alegria, quando se reconhece destinatário de uma Graça, a exemplo de Maria, que, surpresa com o dom, responde com o mais generoso *Sim*.

A obediência leva-nos a elevar o olhar contemplativo à Mãe de Deus e da Igreja, que, com o seu *Eis-me aqui*, se definiu serva obediente e tornou-se modelo — ícone, como se gosta de dizer hoje — de toda obediência de fé. Se podemos ver na obediência

de Abraão o início da Antiga Aliança, saudamos na obediência de Maria o início do Novo Testamento.

Sendo uma verdadeira experiência de fé, ela se apresenta como obediência dialógica. Maria não escuta passivamente, não delega no primeiro movimento, não fica inerte, não se sujeita... Ela interroga, quer entender, procura abreviar, por assim dizer, a distância que intercorre entre o insondável Mistério de Deus e a seriedade da experiência do homem.

Jamais a obediência de uma simples criatura foi tão grande ou mais fecunda, nem um *fiat* dito no céu encontrou eco mais fiel na terra. O *fiat* de Maria — nota Paul Evdokimov — “é a história do mundo em resumo, a sua teologia em uma só palavra”. A liturgia armenia chama o Mistério da Encarnação — que foi seu fruto — de “economia da Virgem”. Somos chamados a nela entrar, em companhia de Maria.

A obediência de Maria mostra-nos o caminho daquela que Agostinho chamava de “liberdade maior”, porque enervada diretamente pela Graça que liberta. Compreenderam-no bem os habitantes da cidade de Lucca que, no século XVII, entregando-se à *Madonna dello Stellario*, rezavam: “*Vera libera, serva nos liberos*” (Ó tu, que és realmente livre, conserva-nos livres também”).

Obedecemos como Maria, porque cremos que Deus está na trama da nossa história. Reconhecemos que “temos alguma coisa com Ele” através das mediações que foram sancionadas pela Sua Igreja. Cremos que ele está profundamente interessado em nosso projeto de vida, que é Seu.

Obedecer na vida religiosa significa fazer memória hoje e re-atualizar a obediência de Cristo, acelerando o processo de transfiguração nele. Há também, na obediência, uma íntima tensão escatológica, que exprime o desejo de abraçar o Cristo que vem, sendo sempre mais nele — ao longo do espaço e do

tempo intermediário — “sacramento de filiação”. Experimenta-se assim e, por assim dizer, antecipa-se aquele ar de liberdade, que respiraremos no céu: visto que “no céu, diante de Deus, não se é apenas ‘livres’, para escolher ainda, mas ‘super livres’ porque já se escolheu, vive-se plenamente aderentes a Ele, com todos os dinamismos da vontade”<sup>22</sup>.

## 2.4 Como Dom Bosco

Não era difícil perceber — durante os Capítulos mais recentes — um acentuar-se do esforço da Congregação para compreender mais o Fundador e a sua colocação no plano de Deus<sup>23</sup>. E não para fazer uma academia teológica, mas para esclarecer a *graça e o mistério* da nossa identidade.

Meditando novamente a história de Dom Bosco à luz do Espírito, descobrimos que ela é um evento de salvação, que nos envolve, e que “a *sua* história é também a *nossa* história”<sup>24</sup>. “A relação de filhos e discípulos que os salesianos vivem em relação a Dom Bosco”<sup>25</sup> é graça verdadeira e duradoura.

Reconhecemos em Dom Bosco o guia plasmado por Cristo Ressuscitado, para indicar-nos — educadores e jovens — um caminho evangélico de santificação missionária e juvenil.

É belo, por isso, que se continue a gostar do antigo hino da beatificação: “Dom Bosco retorna”, e a cantá-lo no mundo, porque traduz bem o nosso contínuo empenho de fazer “Dom Bosco reviver em nós” (Beato M. Rua).

Há uma forte analogia entre os grandes padres bíblicos e os Fundadores de famílias religiosas, entre os descendentes dos

---

<sup>22</sup> E. VIGANÒ, *Um progetto evangelico di vita attiva* (LDC 1982), pp. 139-140

<sup>23</sup> cf. ABS, *Parola di Dio e spirito salesiano* (LDC 1996), pp. 321-331

<sup>24</sup> CG24 69

<sup>25</sup> cf. ABS, *Parola di Dio e spirito salesiano* (LDC 1996), p. 323

primeiros e os discípulos dos outros. Os descendentes dos padres bíblicos retornavam continuamente à história de suas origens, para melhor compreender e definir a própria identidade: surgiram desse esforço de leitura muitas páginas do texto da Sagrada Escritura, como confirmação de quanto ele seja sacrosanto e cheio de Espírito santo! De modo não diverso, os filhos dos grandes Fundadores são chamados a explorar a “graça originante” de sua vocação — que se concretiza na história do Fundador — na revisão da própria fidelidade e para melhor discernir a vontade de Deus.

Há, portanto, um mistério de obediência a Deus que, sendo filial, representa também o máximo da condição humana. Ele faz o salesiano retornar a Dom Bosco e o liga com um nó de obediência às mais autorizadas testemunhas do seu espírito, como as Constituições, nas quais – notava o Beato Filipe Rinaldi – “temos Dom Bosco todo”<sup>26</sup>.

Talvez esteja aqui a raiz de alguns problemas nos quais nos sentimos envolvidos. Ainda não aprofundamos suficientemente — vital e espiritualmente — a nossa relação com Dom Bosco, profeta de Deus para nós. E, quem sabe, às vezes, afrouxou-se muito o vínculo de obediência professado “segundo a via evangélica traçada nas Constituições Salesianas”<sup>27</sup> centrado principalmente numa missão a realizar co-responsavelmente.

Minados pelo subjetivismo, desgastados pelo individualismo, deixados à margem de vidas mais agitadas que ativas, os compromissos da missão resultam, por vezes, mais descuidados que contestados, porque assimilados mais ao âmbito frágil e variável do direito, que ao sólido e “rochoso” do “dom de Deus” — que é o carisma de Dom Bosco — no qual é possível construir a casa da nossa vida. O CG25, com o seu apelo substancial ao

<sup>26</sup> cf. Carta circular de 24 de janeiro de 1924, ACS n. 23

<sup>27</sup> C 24

caráter comunitário do nosso viver, manifestar-nos e agir torna a propor a atenção e a busca comum da vontade de Deus que não eliminam as mediações, mas dão-lhe toda a sua força profética.

### **3. VALOR EM TRANSFORMAÇÃO**

#### **3.1 Elementos culturais**

Se a substância profunda da obediência evangélica é a de ontem e de sempre, é, contudo necessário admitir que mudou o protagonista, é diverso o contexto cultural, foi profundamente alterada a relação que rege a relação entre quem é chamado ao serviço da autoridade e quem ofereceu a sua disponibilidade à obediência.

O *protagonista* mudou, pela afirmação sempre mais difusa e compartilhada da possibilidade da pessoa contribuir para as decisões e para a interiorização de novas atitudes a ela relacionadas. A pessoa goza de maiores espaços de liberdade e de expressão pessoal. Ela se sente encorajada a expressar a própria criatividade como forma de autêntica docilidade e obediência. É, também, chamada a assumir as próprias responsabilidades de modo sempre mais decidido, tanto no caminho do discernimento, que leva às decisões vitais mais importantes, quanto na realização das conseqüências das opções feitas.

A tutela da própria felicidade, a retirada de delegações sobre decisões que envolvem a própria existência, o desejo de ver reconhecida a originalidade da própria contribuição, a exigência de compreender as razões do que acontece à própria existência, para além do puro princípio de autoridade, a intuição da dignidade irrenunciável, própria também do homem que se faz religioso obediente: tudo isso deixa entrever que o protagonista da obediência de hoje não é o mesmo de ontem.

Está claro que tudo isso é vivido e sentido com graus diversos de intensidade e iluminado por horizontes diversos. É aqui que se atua o que expusemos acima. Confiada ao cálculo humano, a obediência religiosa perde o seu valor e a sua consistência.

A passagem de uma sociedade estática a uma sociedade dinâmica, de uma época orgânica a uma época crítica, da aldeia local à aldeia global alterou notavelmente o *horizonte* no qual se inscreve a obediência.

As normas escritas ou não, que ontem encontravam vigor na sua própria antiguidade e duração, são contestadas ou, ao menos, submetidas à revisão freqüente.

O estilo participativo induzido da vida civil já está ficando pé também na casa religiosa, sobretudo pelas decisões que tocam a vida do grupo, o futuro da comunidade, o projeto apostólico que lhe é confiado.

A percepção da complexidade da realidade (também pastoral) torna mais sensíveis à fragilidade, unilateralidade, problematicidade de decisões em si legítimas — às vezes até mesmo necessárias — despojando a autoridade de qualquer infalibilidade fácil, mas ao mesmo tempo também postulando o seu papel.

A secularização da autoridade levou, de algum modo, à secularização da obediência, que deve ser continuamente iluminada com o seu sentido cristão e carismático profundo.

A colocação operativa de numerosos irmãos em contextos e papéis civis, muitas vezes com contratos tutelados pela lei, tende a transferir desses contextos modalidades ou, também, reservas no exercício da própria disponibilidade à obediência. Deve-se recordar que a nossa profissão é o voto de obediência com raiz teológica. Tudo mais é compreendido e sustentado por ele.

O crescimento de caminhos formativos, também no interior

dos Institutos religiosos, a aquisição de capacidades profissionais robustas por muitos irmãos, o surgimento de especializações numerosas e novas (e a conseqüente dificuldade de aposar-se delas adequadamente) podem criar, às vezes, uma verdadeira assimetria e disparidade de competências, entre superior e religioso, que marca profundamente a relação de autoridade e obediência.

Isso, por um aspecto, torna o diálogo metódico e leal sempre mais indispensável, por outro, pode gerar superiores muito tímidos, ou renunciatórios, ou freados pelo agudo sentido da própria incompetência, que podem ser tentados a deixar as coisas andarem por si em vez de assumirem o esforço de orientá-las.

### **3.2 Elementos eclesiais**

É justamente neste contexto que a obediência do consagrado pode assumir um ampliado significado teológico e humanístico, que chega ao gesto de serena maturidade. No âmbito mais propriamente eclesial, houve um amadurecimento de elementos que tendem a dar nova configuração às modalidades e ao sentido do exercício da autoridade e da obediência.

A obediência na Igreja faz parte da atitude pós-pascal, pela qual Cristo se faz presente mediante o seu Espírito. Ele intervém através dos carismas reconhecidos pela Igreja, dos quais faz parte também a relação autoridade-obediência, segundo as modalidades próprias vividas nas diversas formas da vida consagrada. A comunidade religiosa é uma porção da Igreja, da qual deriva a autoridade própria da vida consagrada. O religioso entrega-se a Cristo, através do seu corpo, que é a Igreja-Comunidade.

A Igreja — como a Virgem à escuta — permanece em atitude de obediência. Ela é convocada para construir o Reino segundo o projeto de Deus, recebendo a missão de evangelização e

salvação, e é acompanhada pelo incansável e fecundo sopro do Espírito.

Se é verdade que a Igreja participa da paixão de Cristo, até o final dos tempos — como notava Pascal — não é menos verdade, que ela é igualmente chamada, até o final dos tempos, a ser expressão da Sua obediência ao Projeto do Pai: é Cristo quem obedece em nós; somos chamados, por isso, a obedecer em Cristo. Para nossa alegria e consolação, porém, aquilo que seguimos é a doce vontade do Pai!

Isto vale para cada cristão e, com intensidade particular, para cada religioso, que faz da obediência um canal privilegiado do seu caminho de fidelidade e santificação. Tomás de Aquino estava convencido de que o homem não pode fazer melhor oferta a Deus (*“Nihil maius potest homo Deo dare”, o homem não pode dar a Deus nada de maior*)<sup>28</sup>, porque assim entrega-se totalmente a si mesmo. Isso explica porque o voto de obediência é — e não só na tradição dominicana — o mais importante dos três.

Por outro lado, a acentuação posta na Igreja-comunhão carismática, mais do que sobre a Igreja-instituição hierárquica, comportou a passagem correlata da acentuação sobre o dever de obediência imposto ao fiel, à acentuação sobre o discernimento dos dons do Espírito, exigido ao superior e aos responsáveis da vida das comunidades.

A riqueza da comunidade vem dos dons de que cada um é depositário, e o melhor superior não é aquele que sabe se impor mais, mas aquele que sabe mais descobrir e valorizar a contribuição de cada um. Os contemporâneos de Dom Bosco testemunham unanimemente a sua sagacidade, não só em saber discernir, para colocar o homem certo no lugar certo, em descobrir recursos

---

<sup>28</sup> cf. S.T. II,II, Q 186, arts. 5 e 8

escondidos valorizando-os mais, mas também em saber fazer tesouro de quem, talvez muito sumariamente, fora colocado à parte como um homem difícil ou, até mesmo, errado.

Falar de discernimento significa sublinhar a dúplice componente do processo, que, de um lado, acontece sob o céu de Deus, mas, de outro, se move no terreno frágil das mediações humanas. O horizonte no qual nos colocamos é o da busca da vontade de Deus que, normalmente, corre por linhas verticais e por linhas de comunhão. Está menos ligado a elementos de eficiência, do que a atitudes de confiança. Por isso, o diálogo, a escuta, a espera, a descoberta alegre do irmão tornam-se as etapas que marcam as passagens sucessivas, destinadas a fazer amadurecer uma obediência que — em seu estágio mais maduro e capaz de sucesso — se assemelha mais à promoção da pessoa, que não tanto à imposição da autoridade.

### **3.3 Diretrizes de marcha**

Elementos culturais e eclesiais provocam uma evolução na concepção e na prática da obediência.

Da insistência prevalente sobre o aspecto ascético da virtude, passou-se ao apreço profundo e convicto do aspecto místico e cristológico; da acentuação individual do dever a realizar, passou-se à contextualização muito mais atenta ao valor comunitário.

#### **3.3.1 *Da ascética à mística da obediência***

Deve-se dar especial atenção à redefinição da nossa liberdade, pela ação do carisma da obediência religiosa.

A obediência continua “um espaço em forma de morte”, marcado pela Cruz, porque também a nossa liberdade deve fazer a

sua Páscoa se quiser ser realmente livre, e “perder-se” — para usar as palavras evangélicas — se quiser realmente “encontrar-se”<sup>29</sup>.

Da insistência sobre a liberdade “renunciada”, passa-se — a convite do Concílio — ao apreço da liberdade “corroborada”<sup>30</sup>, “mais madura”<sup>31</sup>, “ampliada”<sup>32</sup>: é o fruto da irrupção do Espírito de liberdade, que toma posse do coração crente, expandindo nele um “espaço em forma de vida e ressurreição”.

A flexibilidade da “forma” concreta do nosso existir é o modo próprio da nossa obediência, pelo que permanecemos prontos a “conformar-nos” aos chamados do Senhor — que, às vezes, poderão também tomar-nos de repente — através da disponibilidade desarmada e audaz, que deriva do abandono nos braços do Pai.

O Salmo 118 canta a lei de Deus com uma estrofe correspondente a cada letra do alfabeto, como a dizer que é a obediência que gera o som, a sílaba, a palavra, com que escrevemos a história da nossa vida de fé.

A obediência, por isso, é sinal e epifania da fé. “Pela fé Abraão, chamado por Deus, obedeceu”<sup>33</sup>. De “obediência da fé” fala Paulo, na abertura e no encerramento da carta aos Romanos<sup>34</sup>, que expõe a síntese mais madura da sua experiência de vidente e de crente.

A polarização de fundo, na obediência, não está no confronto entre superior e súdito ou entre projeto pessoal e ordem recebida, mas na dialética entre plano de Deus e projeto do homem, entre Palavra de Deus, que constrói a história, e escuta obediente dos homens que nela habitam: “O ser sempre mais nós mesmos

---

<sup>29</sup> cf. Mt 16,25; Mc 8,35; Lc 9,24

<sup>30</sup> cf. LG 43

<sup>31</sup> cf. PO 15

<sup>32</sup> cf. PC 14

<sup>33</sup> Hb 11,8

<sup>34</sup> cf. Rm 1,5; 16,26

não será outra coisa que continuar a dizer ‘sim’ à palavra com que Deus nos chama à sempre maior plenitude da existência. A verdadeira liberdade consiste em viver à escuta, isto é, com o rosto voltado para aquele que fala, construindo a realidade para a qual se dirige”<sup>35</sup>.

O caminho de obediência a Deus coincide com o de uma fé não só pensada, mas também aprofundada e vivida: representa o espaço da nossa apropriação da filiação de Cristo, que nos foi dada no Batismo. Nesse sentido, a nossa obediência se faz profecia da fé, que não consiste só em verdades nas quais crer, mas, sobretudo na vontade a realizar: “Não é quem diz Senhor, Senhor... mas quem faz...”<sup>36</sup>. Por esta razão, o voto de obediência foi definido como “o mais bíblico de todos”, justamente pela sua capacidade de fazer-nos entrar no sentir de Cristo.

A obediência é um espírito penetrante, mais do que um gesto singular e executivo. Mais do que uma atitude pontual é um estado permanente de espírito, que nos enxerta na alma de Cristo. É um “*fiat voluntas Tua*” que, tocado como baixo contínuo na sinfonia da vida, faz de cada um de nós o “filho do Pai”, a exemplo do Senhor Jesus.

Coração da nossa vida consagrada é a “caridade obediente”, que acolhe o projeto de Deus sobre nós, vivendo-o todos os dias nos acontecimentos pessoais e nas perspectivas comunitárias.

### **3.3.2 *Membros responsáveis de uma comunidade obediencial***

O segundo aspecto a sublinhar, depois da indispensável referência teologal, evidencia a energia comunitária expressa pela obediência.

---

<sup>35</sup> A. PIGNA, *Consigli evangelici* (Roma 1993), pp. 425-426

<sup>36</sup> cf. Mt 7,21

A eclesiologia de comunhão — que foi tão reavivada pela experiência conciliar — tornou-nos sensíveis à comunidade como primeiro sujeito da missão eclesial, como Corpo de Cristo que habita a história, anima-a, salva-a. Abraçada na fé, essa sensibilidade nos faz passar da busca exasperada da auto-realização individual ao dom alegre que suscita a autotranscendência, da obediência de pura execução à obediência como acolhida de um projeto compartilhado, do estilo de “navegador solitário” ao trabalho humilde daquele que tem consciência viva de que a comunhão continua a sua primeira missão. Vem daí a conversão da mentalidade diante de nossa relação com a comunidade e com a obediência.

Obedecer significa hoje ter clara consciência da interdependência e da reciprocidade, que caracterizam a nossa presença em comunidade. Quer dizer, também, recuperar plenamente o sentido de pertença, que não pode ser apenas sociológico, mas torna-se também afetivo e espiritual<sup>37</sup>. Em tempos de afiliações frágeis ou em declínio, de pertenças múltiplas e fragmentadas, de fidelidades incertas — que não poupam as comunidades religiosas — a obediência re-compreendida e vivida com alegria torna-se fundamento de uma esperança renovada. É preciso dizer ainda que, desde quando estamos agindo em comunhão, também com novos esforços, nossas presenças expressam mais força salvífica.

Se em algumas épocas prevaleceu o aspecto do *Eu obedeco*, hoje somos chamados a viver o aspecto mais eclesial do *Nós obedecemos*. Esta reflexão tem, então, como destinatários todos os salesianos, sem exceção: irmãos e superiores; antes de qualquer distinção segundo o papel de autoridade que cobrimos, deve-se afirmar, de fato, a unidade segundo a obediência de fé, que

---

<sup>37</sup> cf. J. MERKLE, *Gathering the fragments, New times for obedience*, in *Review for religious*, June 1996

todos professamos. Quem, por primeiro entrou em crise, não foi a autoridade, mas a comunidade, em cuja luz todo o estilo de obediência deve ser repensado. Ela deve ser vivida, com efeito, também como capacidade de assumir um papel sério, de pessoa madura e responsável, no interior da comunidade na qual o chamado do Senhor nos insere.

Se ontem era central na obediência a relação direta com o superior, hoje vem adquirindo maior relevância a inserção da obediência no tecido comunitário. Deve-se realizar muitas obediências intracomunitárias, a exemplo de Jesus, que obedecia ao Pai, mas acolhendo, também, a mediação de Maria e de José. Acontece que, pela desatenção às “pequenas mediações”, se passe, quase sem perceber, ao descuido das mediações maiores e autorizadas. Repete-se, entretanto, nas pequenas mediações o convite de Ex 20,19: “Fala tu mesmo conosco, e nós te ouviremos”. Não se subestime, nesse sentido, por exemplo, o *colóquio com o superior*<sup>38</sup>, que — também com os ajustes necessários<sup>39</sup> — conserva um papel central na vida da comunidade salesiana.

Se às vezes, no passado, podia prevalecer o aspecto executivo, hoje se sublinha e se vive mais o aspecto participativo, que leva da consciência da própria co-responsabilidade na elaboração de orientações, opções e decisões sobre a própria pessoa, à vida da comunidade e da Congregação. O discernimento comunitário torna-se, então, para os problemas mais graves, o estágio prévio à intervenção da autoridade e um momento de graça, comum tanto ao superior quanto ao simples irmão. Ali, cada um obedece à vontade do Senhor, que procura descobrir e realizar segundo o dom dado a cada um, colocando-nos, todos juntos, no interior do carisma do Fundador. Muitas vezes a “convergência

---

<sup>38</sup> cf. C 70

<sup>39</sup> cf. o excelente trabalho do padre P. BROCCARDO, *Maturare in dialogo fraterno* (LAS, Roma 1999)

dos pontos de vista”<sup>40</sup> — de que o superior não deverá distanciar-se sem razões sérias — ajudará a tomar decisões largamente compartilhadas. Outras vezes, porém, será necessário que o salesiano acolha a autoridade do superior como elemento decisivo de discernimento, “um auxílio e um sinal que Deus lhe oferece para manifestar sua vontade”<sup>41</sup>.

A comunidade é chamada, portanto, a ser não só lugar de obediência, mas também de discernimento e criatividade. Não só da “menoridade”, como também da maturidade. Não só da liderança autorizada, mas também da co-responsabilidade e do diálogo.

## 4. OBEDIÊNCIA PARA A HORA PRESENTE

### 4.1 Nossa vocação é obediência “em formação”

Escreveu-se que “toda vocação é matutina”, porque somos chamados a abrir cada jornada — e a vida inteira — gritando a nosso Senhor: *Eis-me aqui*<sup>42</sup>.

Trata-se de uma vocação que, em seu estágio de plena maturidade, é possível reconhecer muito mais como obediência ao chamado do Senhor, do que como a realização de um desejo nosso, em si legítimo quem sabe, mas incapaz, por si só, de sustentar o nosso caminho de longa duração.

O chamado do Senhor se manifesta muito freqüentemente através da íntima e alegre atração interior pelo carisma de um grande Fundador, que vive na Igreja através de seus filhos e filhas. É uma moção do Espírito, que abre horizontes e encoraja

---

<sup>40</sup> cf. C 66

<sup>41</sup> C 67

<sup>42</sup> cf. *Nuove vocazioni per la nuova Europa*, preparado pelas Congregações para a Educação Católica, para as Igrejas Orientais, para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica, n. 26a

docemente o nosso eu amedrontado a dizer o seu sim, com serena confiança. Algo do gênero aconteceu à nossa vida, nos dias na nossa opção vocacional<sup>43</sup>, mas continua acontecendo todos os dias, através da graça da perseverança.

A tarefa da nossa vida continua, portanto, a de crescer na qualidade da nossa obediência vocacional, visando à meta de uma obediência madura, livre, alegre. O discurso não é garantido: vemos, de fato, obediências vocacionais florescer até à santidade, e outras, ai de mim, afrouxar-se até à insignificância.

Nossa história conheceu, às vezes, o perigo de certos modos de viver a obediência que levassem a formas infantis de dependência, de delegação da própria responsabilidade, de incapacidade para assumir papéis de risco e de governo. Agora, o panorama parece um tanto transformado. As insídias à plenitude da obediência evangélica e vocacional vêm sobretudo de outras fontes.

Elas podem derivar da ênfase sobre a autonomia da consciência, em desarmonia com a própria comunidade, ou daquela dimensão que fundamenta a sua própria dignidade, que é a busca assídua do Projeto e da presença de Deus em nossa vida.

Faz mal, também, uma atitude antiinstitucional — que tem muitas raízes na cultura corrente — pela qual a autoridade é percebida mais como um perigo do que como uma ajuda, mais como concorrência do que como colaboração, mais como adversário — tanto mais insidioso quanto mais correto — do que como interlocutor, mais como poder inimigo de que se defender, do que uma graça, da qual tirar fruto.

Pode existir, em certos ambientes, uma mentalidade difusa

---

<sup>43</sup> cf. J. VECCHI, *Spiritualità salesiana*. LDC Turim 2001, "Il Signore ci consacra col dono del suo Spirito", pp. 42-43

que dá escassa estima à Regra, à tradição e à disciplina religiosas, não mais acolhidas como esforços eclesiais de atualizar o Evangelho, mas julgadas como obsoletas e embaraçosas heranças de um passado que não existe mais.

Pode ser encaminhada, na seqüência de dinâmicas sociais particulares, uma leitura funcionalista e secular da autoridade na Igreja e na vida religiosa, que impede de reconhecer, na fé, as “mediações” que, mesmo de modo imperfeito, nos colocam em contato com o Mistério de Deus.

Até a ausência e o distanciamento do exercício da autoridade religiosa — que pode ser uma mensagem tácita sobre a sua insignificância, lançado por quem é chamado justamente a dar-lhe consistência humana e evangélica — pode ter diminuído a alegria e a eficácia da obediência religiosa, à qual Dom Bosco atribuía grande peso para dar serenidade à vida salesiana<sup>44</sup>.

Tarefa de todos os responsáveis da formação (inicial e permanente) é construir uma “pedagogia da obediência”, que seja solidamente centrada em Cristo (“*fazei tudo o que ele vos disser*”<sup>45</sup>), mas também capaz de acertar as contas com a época nova, na qual somos chamados a viver, mudando o que deve ser mudado, mas sem correr o risco de jogar, com a água suja, também a criança.

Há **aspectos humanos** da personalidade que devem ser educados para que a prática serena da obediência seja possível. A carga emotiva e agressiva, que caracteriza a nossa cultura, poderia encorajar atitudes “de fusão” (de retorno ao *habitat* oval do seio materno), que seriam uma séria deficiência para o amadurecimento de uma obediência adulta. É necessário ajudar a viver de maneira equilibrada entre dependência (que se exprime na

---

<sup>44</sup> cf. *Obediência*, na Introdução às Constituições

<sup>45</sup> Jo 2,5

necessidade de aprovação, afiliação, segurança) e independência (que comporta confiança nos próprios recursos, abertura ao risco e à responsabilidade, capacidade de carregar a cruz e o revés...).

É preciso encorajar a autonomia suficiente, para gerir as relações fraternas e sociais, integrar-se de forma positiva em grupos de trabalho e de comunicação, respirando aquela “espiritualidade relacional” de que nos fala o CG24<sup>46</sup>.

Cada um deve desembocar no caminho da autenticidade, sabendo-se definir e colocar-se com razões não improvisadas, nem abraçadas por simples preguiça ou espírito de compromisso, nem caladas por temor de precisar enfrentar a contradição ou a solidão, mas amadurecidas num vigilante caminho de fé.

A nova edição da *Ratio Formationis*, recentemente promulgada pelo Reitor-Mor com o seu Conselho, poderá, entre outras coisas, traçar itinerários e indicar processos, finalizados à aquisição desses objetivos.

Revigorem-se ao mesmo tempo algumas **atitudes espirituais**.

É fundamental a *leitura de fé dos acontecimentos da própria vida*, que ajuda a reconhecer que também “no vale escuro” não se deve temer mal algum<sup>47</sup> e que, através de mil eventos aparentemente casuais, é Ele quem tece a trama de salvação para cada um.

Descobrir no carisma salesiano uma graça pessoal<sup>48</sup>, que o Senhor nos oferece e que preparou para nós, será fonte de alegria e de serenidade, fará com que se ative aquele “registro da

---

<sup>46</sup> cf. CG24 91-93

<sup>47</sup> cf. SI 23,4

<sup>48</sup> cf. J. VECCHI, *Spiritualità salesiana*, LDC Turim 2001, “La consacrazione dono di Dio ed esperienza pastorale”, p. 42 ss

*confessio fidei*”<sup>49</sup>, que — partindo do reconhecimento do dom recebido — sustenta o entusiasmo, que faz conhecer o seu valor. De aí virá a evangelização vocacional por contágio, que é a mais eficaz, na época e no mundo em que vivemos.

A assimilação correta da “*espiritualidade da encarnação*” servirá de ajuda para assumir serenamente a presença das mediações, “como intérpretes quotidianos da vontade de Deus”<sup>50</sup>. Enraizadas na Igreja sacramento universal de salvação<sup>51</sup>, elas nos trazem a possibilidade de um contato real com Deus no interior da humildade do sinal. Enquanto nos convidam a viver como se víssemos o invisível<sup>52</sup> — tornam-nos mais familiares o Mistério de Deus, que sabe fazer-se próximo de cada homem, e nos ajudam a inserir toda a realidade criatural numa rede de graça que envolve a nossa vida para salvá-la.

Igreja e sacramentos, Fundadores e carismas, Regras e comunidades, Bispos e superiores, o mundo da natureza e o da história são veículos de graça, que nos comunicam algo de Deus, do Seu Mistério de proximidade e de escondimento. Entretanto, entre todas as mediações, a mais nobre e eloqüente continua a ser o homem, feito à imagem de Deus, e, entre os homens, aqueles que receberam mandato e vocação para serem, de modo peculiar, sinais dele na qualidade de pastores. Acolher a *mediação* significa compreender e realizar uma das formas da *recapitulação* de todas as coisas em Cristo<sup>53</sup>, transfigurando o mundo com a luz da nossa fé, enquanto corremos na direção dele, com alegria de filhos, gritando-lhe “*Maranatha*”.

---

<sup>49</sup> cf. cf. *Nuove vocazioni per la nuova Europa*, preparado pelas Congregações para a Educação Católica, para as Igrejas Orientais, para os Institutos de vida consagrada e as Sociedades de vida apostólica, n. 34, c

<sup>50</sup> C 64

<sup>51</sup> cf. LG 48

<sup>52</sup> cf. Hb 11,27; C 21

<sup>53</sup> cf. Ef 1,10; cf. GS 45

Dom Bosco distinguia, às vezes, entre obediência “pessoal” e obediência “religiosa”, sublinhando a qualidade superior da segunda, não ditada somente pela simpatia ou pelas qualidades humanas da pessoa do superior de turno, mas, sobretudo, pela acolhida de uma mediação, reconhecida na fé. De aqui virá a liberdade e a paz, no ato de entregar-se confiante a Deus e às pessoas, que Ele nos deu como guias no caminho. João XXIII exprimia-o no mote: *Oboedientia et pax*.

## 4.2 Pedagogia da obediência

A “pedagogia da obediência”, a que acenei, é chamada a fermentar a vida prática e iluminá-la, enraizando na humilde e sofrida **solidez da vida cotidiana** as atitudes sugeridas. Seria um erro fundamental apresentar a obediência como um jugo pesado, tratando-se da amável vontade do Pai.

Parece particularmente necessário — já nos ambientes formativos, mas também em todas as casas, sobretudo diante de opções importantes — iniciar a aprendizagem e o exercício do **discernimento comunitário**, no espírito dos artigos 44 e 66 das *Constituições*: em clima de oração e de escuta recíproca, sob uma guia atenta para valorizar todos os recursos e criar espaço para cada pessoa. Trata-se de recolher todos os dados que iluminam a avaliação de um problema, individualizar os critérios mais decisivos de leitura, tirar as conclusões operativas mais urgentes. É um contexto no qual a obediência se esforça por ter uma visão de fé, capaz de ler “os sinais dos tempos”, ouvir a palavra e o coração do irmão, dar a própria contribuição, com humildade e alegria, para chegar à decisão que conclui o momento da busca comum. Implicam-se nisso, também, todos os recursos da razão. Isso é exigido para o discernimento, e não deve ser saltado.

Dê-se uma **ajuda personalizada** para educar a *gerir eventuais conflitos*, ligados à esfera da obediência. O caso mais sério é o do conflito *entre obediência e consciência pessoal*. Pode-se encontrar, às vezes, algumas situações complexas — ou até mesmo dramáticas — que exigem caminhos de tranqüilidade e esclarecimento; essas situações não podem ser sempre sujeitas ao exclusivo juízo do superior, mas precisam do seu respeito e da sua oração. Mesmo nesses casos, contudo, o diálogo com o superior deverá acompanhar o irmão, na caridade e na clareza, para ajudá-lo a discernir os valores em questão, a multiplicidade dos critérios acertados de julgamento, os caminhos possíveis de solução.

Gostaria, porém, de referir-me aqui, sobretudo a casos não infreqüentes em que simplesmente se opõe a consciência à obediência, quando esta exige o sacrifício de uma transferência de casa, ou de uma mudança de ocupação, ou de uma mais fiel observância das *Constituições*, ou de acolher, em relação a um fato ou problema, a avaliação completa do superior, que parece em contraste com a própria.

Indico alguns simples **critérios de avaliação**.

Primeiro, *não é preciso dar como certa a freqüência de tal conflito*, que, na vida religiosa, deve ser considerado raro e excepcional, pois “um religioso não deveria admitir facilmente que haja contradição entre o julgamento da sua consciência e o do seu superior”<sup>54</sup>.

Freqüentemente, porém, será preciso dedicar tempo, oração e diálogo para dar ao superior a contribuição indispensável da nossa experiência e do nosso amor aos jovens e à Congregação, e para acolher dele, com serenidade, as motivações e decisões que selam a conclusão da busca comum<sup>55</sup>. “Nesta busca, os

---

<sup>54</sup> PAULO VI, *Evangelica Testificatio* (ET), 28

<sup>55</sup> cf. C 66

religiosos saberão evitar tanto a agitação excessiva dos espíritos, quanto a preocupação de fazer prevalecer, no sentido profundo da vida religiosa, o atrativo das opiniões correntes”<sup>56</sup>.

Devemos, pois, procurar estar certos diante do Senhor de que a nossa consciência é uma *consciência religiosa salesiana*, que acolheu e interiorizou os elementos essenciais da nossa vocação de consagrados, segundo o espírito de Dom Bosco e os votos feitos ao Senhor.

Tem-se a impressão, por vezes, que nos encontramos — quanto às escolhas ou problemáticas delicadamente “cristãs, religiosas e salesianas” — a dialogar com consciências que perderam a riqueza vocacional interior e se deixam guiar por critérios puramente mundanos, ou rigidamente subjetivos. Para essas consciências, as *Constituições* salesianas correm o risco de ficar mudas, a comunidade religiosa insignificante, a autoridade do superior ilegítima, a missão salesiana uma exclusiva opção pessoal. A experiência do conflito pode tornar-se, nestes casos, ocasião de uma autêntica recuperação vocacional, ou, às vezes, até dolorosamente, de um esclarecimento definitivo.

Na maioria das vezes, porém, a consistência vocacional não está em questão, mas o conflito abre-se sobre a aplicação, implícita ou explícita, de critérios, que devem ser mais bem esclarecidos.

Pode surgir alguma tensão *entre obediência e eficiência*: parece, às vezes, que a obediência que nos é pedida não respeite suficientemente as capacidades profissionais adquiridas, nem os âmbitos de trabalho nos quais parece que sabemos fazer alguma coisa, nem os ritmos vitais e as diversas capacidades produtivas e apostólicas.

Há uma eficácia da obediência, que está fora de discussão,

---

<sup>56</sup> ET 25

mas que se percebe apenas com o olhar da fé, como nos ensina uma grande testemunha do nosso tempo, muito próxima à Família Salesiana: João Batista Montini. Ele, numa fase delicada e sofrida de sua vida, colou-se sérios interrogativos sobre o significado da obediência. Numa carta de 1942 ao pai, o futuro Paulo VI escrevia: “Tornei-me difícil com os amigos, e os vejo pouco; quase nunca eu saio, e também os livros... voltam-me as costas das prateleiras silenciosas; não escrevo mais e resta-me pouco tempo para pensar e rezar (pelo menos fizesse algo de bom!). Paciência! Deus proverá”<sup>57</sup>. E Deus proveu.

Pode existir fricção *entre obediência e sentido de auto-realização*. Cada um de nós tem um projeto sobre si: objetivos, modalidades para alcançá-los, tempos de realização. Colocar tudo isso de lado para aceitar o Projeto de Deus, através das mediações humanas, não é um passo garantido: “Parece-me estar aqui (na Secretaria de Estado) por uma combinação indevida — escrevia ainda Montini<sup>58</sup> — à espera de ser restituído a alguma coisa mais simples e mais minha. Penso no estudo abandonado, no contato com o ministério reduzido, na oração abreviada...”. “Perder-se para encontrar-se” é um paradoxo evangélico, difícil de digerir para quem julgasse com a visão restrita da pequena vantagem pessoal.

Há, às vezes, uma contradição, ao menos aparente, *entre obediência e fecundidade apostólica*, que nos parece poder monitorar. Quem de nós, sentindo-se florescer num lugar, não encontrou dificuldade para colocar-se num outro, onde não se previam nem flores nem frutos, mas nos sentíamos enviados a recolher... mancheias de folhas secas? Contudo — repetia-nos atormentado o P. Egidio Viganò na última *Estréia* — existem fases da vida,

<sup>57</sup> FAPPANI-MOLINARI. *Montini giovane: 1897-1944. Documenti inediti e testimonianze* (Marietti 1979), p. 364

<sup>58</sup> *Ibid.*, p. 365

cuja fecundidade está ligada à *ação*, e outras cuja fecundidade é filha do *sofrimento*. Aqui, porém, as medidas mundanas e seculares não funcionam muito: fica, como único metro, a Cruz.

“Não quero interrogar meus sentimentos — nota ainda Montini —, talvez vencesse a tristeza de não ter feito nada de bom; vem-me, muitas vezes, à mente, o estranho pensamento de ainda não ter começado a fazer alguma coisa de sério e real, de acordo com aquilo que entendia, quando iniciava. Quero, porém, refugiar-me apenas na graça de Deus — concluía —, aquela que me deu a felicidade, jamais suficientemente explorada, de fazer-me servo a serviço da Igreja e do Evangelho<sup>59</sup>”.

Não são raros os casos em que se revela uma separação *entre obediência e profecia*. Parece-nos agir tão bem, ter colocado um sinal em fronteiras avançadas, recolhemos até mesmo aplausos, escreve-se sobre nós, parece-nos que a Igreja e a Congregação se honrem disso... Contudo, vem-nos dada uma obediência que se assemelha a uma geadada sobre árvores em flor... Nessas circunstâncias, é preciso ter clara consciência de que, talvez, a hora da profecia verdadeira não coincida necessariamente com aquela do sucesso ou da simples satisfação pessoal.

Em meio a muitas dificuldades, não se deve perder de vista o Senhor Jesus sofredor e obediente. Em tempos nos quais foi reconhecida, com justiça, a dignidade da *objeção de consciência*, com maior razão deve existir quem, com espírito evangélico e pentecostal, saiba ilustrar — mais vivendo do que falando — a dignidade da *obediência de consciência*, a exemplo do Senhor Jesus.

“Quanto mais exercitais a vossa responsabilidade, tanto mais se torna necessário renovar o dom de vós mesmos, no seu pleno significado”<sup>60</sup>.

---

<sup>59</sup> Ibid., p. 363

<sup>60</sup> ET 27

### 4.3 Nossa vocação é uma obediência de vida e de missão

Relendo a história das vocações, ficamos admirados com a enérgica exigência de obediência de que é cheio o chamado do Senhor.

A Abraão: “Deixa tua terra... e vai para o país que eu te indicar”<sup>61</sup>.

A Moisés: “O clamor dos filhos de Israel chegou até mim... Agora vai. Eu te envio ao Faraó”<sup>62</sup>.

A Jeremias: “Não digas: sou uma criança. Vai aonde te mandarei e referirás o que Eu te ordenar”<sup>63</sup>.

A Paulo: “Levanta-te e entra na cidade. Ali te será dito o que deves fazer”<sup>64</sup>.

Resulta claro destas histórias de vida que o obedecer precede o ir e anunciar.

É preciso, na realidade, que o enviado se submeta por primeiro à palavra que anuncia, para multiplicar a sua eficácia.

O tempo de Nazaré não passa inutilmente, pois é na obediência que se plasma o coração de Cristo Evangelizador. Os três anos passados por São Bento na gruta de Subiaco como eremita solitário não são parênteses em sua vida, mas tempo de obediência e de escuta, e fonte da futura fecundidade. Dom Bosco, no “Convitto”, na biblioteca, aos pés do P. Cafasso precede — não só cronologicamente — o Dom Bosco que ama misturar-se com os jovens de Valdocco e passar a pente fino o mercado de Porta Palazzo, em busca de jovens a salvar.

Uma vez que a educação é coisa do coração, do qual só Deus é dono, “nós não podemos conseguir nada, se Deus não nos ensinar a sua arte, e não nos der nas mãos as suas chaves”<sup>65</sup>.

<sup>61</sup> Gn 12,1

<sup>62</sup> Êx 3,9-10

<sup>63</sup> Jr 1,7

<sup>64</sup> At 9,6

<sup>65</sup> MB XVI, p. 447

O primeiro passo da missão é a obediência do missionário. É necessário que ele se coloque em estado de ouvinte, mais do que de pregador. A primeira terra de missão é o coração do missionário, pois a missão é, antes de tudo, uma realidade interior, antes de tornar-se um trabalho também exterior. O trabalho missionário é esforço de santidade pessoal: “É preciso começar purificando a si mesmo antes de purificar os outros; é preciso ser instruído para poder instruir; é preciso ser luz para iluminar, aproximar-se de Deus para dele aproximar os outros, santificar-se para santificar” (São Gregório Nazianzeno)<sup>66</sup>. Isso permite “fazer da própria vida um motivo convincente de credibilidade e uma apologia aceitável da fé”<sup>67</sup>.

A obediência que nos coloca nas mãos de Deus é a mesma que nos insere frutuosamente na comunidade salesiana e que determina o nosso campo de apostolado.

Educados interiormente pelo Senhor, ao qual nos entregamos confiantes, acompanhados pela comunidade, que nos vê serenamente inseridos, caminhamos em direção aos jovens, não em nosso nome, mas no Seu nome: com um projeto de homem e de mulher, um amor educativo, uma esperança e uma energia de graça, que provêm dele.

A consciência de ser “enviados” aos jovens dá ao nosso ministério uma íntima estabilidade e a força da “elasticidade”, isto é, daquela paciência evangelizadora que nos permite enfrentar dificuldades, assumir positivamente as falências, esperar o amadurecimento dos tempos, sem que a passagem pela crise se transforme em estagnação e frustração vocacional ou em desalentos amargos e estéreis.

---

<sup>66</sup> cf. *Congregação para o Clero*, O presbítero Mestre da Palavra, Ministro dos sacramentos e guia da comunidade em vista do terceiro milênio cristão. Conclusão.

<sup>67</sup> *Congregação para o Clero*, O presbítero Mestre da Palavra, Ministro dos sacramentos e guia da comunidade em vista do terceiro milênio cristão. C. II, 2

“Senhor, fazei de mim um instrumento do vosso amor”: é a oração atribuída a São Francisco de Assis. O voto de obediência exprime a disponibilidade para colocar-se em suas mãos, para deixar-se empregar por Ele e ser instrumentos na construção do Reino. “Ser instrumento — refletia ainda Montini — é o holocausto de quem conhece a excelência da ação hierárquica e da ação divina”<sup>68</sup>. Dom Bosco queria exprimir esta ductilidade, esta flexibilidade total — sempre que esteja em causa a salvação dos jovens e o serviço do Evangelho — com um gesto que os primeiros salesianos nos transmitiram: “Se pudesse ter comigo doze jovens dos quais eu fosse senhor de dispor como disponho deste lenço, gostaria de espalhar o nome de N. S. Jesus Cristo não só em toda a Europa, mas também além, fora de seus confins, em terras distantes”<sup>69</sup>. Nasceu na Congregação, quase como resposta a esse convite, a tradição que encoraja os irmãos, que se sentem chamados, a fazer ao Reitor-Mor uma oferta especial de disponibilidade para as missões *ad gentes*. Ela, superando todas as fronteiras geográficas, “os torna prontos em seu espírito para pregar o Evangelho onde quer que seja”<sup>70</sup> e dá à obediência salesiana uma dimensão especial de totalidade e mundialidade. Quisemos celebrar esta disponibilidade à obediência, que é própria da nossa tradição, com uma solenidade particular, na expedição missionária de 2000, como já vos indiquei numa carta anterior<sup>71</sup>.

#### 4.4 Nossa existência é obediência profética

Refletindo sobre o futuro da vida consagrada, observa-se que ela terá uma esperança de vida tanto mais fundada, quanto mais

<sup>68</sup> *o. c.*, p. 381

<sup>69</sup> MB IV, p. 424

<sup>70</sup> JOÃO PAULO II, *Pastores Dabo Vobis*, 18

<sup>71</sup> cf. *Elevai os vossos olhos...* em ACG 362, pp. 35-37

for capaz de propor-se como autêntica profecia<sup>72</sup>. O seu modelo é Elias — que Oriente e Ocidente colocam entre os inspiradores da vida consagrada — “profeta audaz e amigo de Deus”, que “vivía na sua presença e contemplava no silêncio a sua passagem, intercedia pelo povo e proclamava com coragem a sua vontade, defendia os direitos de Deus e erguia-se na defesa dos pobres contra os poderosos do mundo”<sup>73</sup>.

Cristo é a grande “profecia” anunciada pela obediência religiosa. Basta folhear a Regra de Basílio, Agostinho, Bento etc. para perceber que, desde o início da vida consagrada, a alma da obediência religiosa é o desejo de fazer memória de Cristo e da sua doação total ao Pai e à missão recebida. “Com efeito, a atitude do Filho revela o mistério da liberdade humana, como caminho de obediência à vontade do Pai e ao mistério da obediência como caminho de progressiva conquista da verdadeira liberdade”<sup>74</sup>.

Verdadeira profecia — hoje particularmente exigida dos religiosos, também em força do voto<sup>75</sup> — é o seu estilo e empenho de *obediência eclesial*.

João Paulo II evidenciava na Carta Apostólica *Tertio Millennio Adveniente*, em preparação ao Jubileu, uma “crise de obediência em relação ao Magistério da Igreja”<sup>76</sup> sobre o que convidava a refletir para enfrentar eficazmente os riscos da nossa época.

O Papa sublinhava, no mesmo documento, a oportunidade do aprofundamento da fé, sobretudo em vista da unidade da Igreja e do serviço a ela prestado pelo ministério apostólico. E o fazia

---

<sup>72</sup> cf. VC 84-95

<sup>73</sup> VC 84

<sup>74</sup> VC 91

<sup>75</sup> cf. C 125

<sup>76</sup> TMA 36

para “levar os membros do Povo de Deus a uma consciência mais amadurecida das próprias responsabilidades, como também ao mais vivo sentido do valor da obediência eclesial”<sup>77</sup>. É um convite que os filhos de Dom Bosco e a Família Salesiana se sentem empenhados a acolher, também em força de uma tradição de família, hoje mais atual do que ontem, que vê na lealdade a Pedro e aos Pastores um dos elementos qualificadores do carisma salesiano<sup>78</sup>.

A complexidade da hora presente e das transformações em curso, o esforço de inculturação da fé e de confronto com as demais religiões e confissões, a contribuição sempre nova e maciça das modernas ciências do homem, o forte impulso do relativismo e do subjetivismo da nossa cultura, a abertura de novos âmbitos de pesquisa, que colocam interrogativos inéditos, exigem maturidade de julgamento e sabedoria de escolha capaz de manter um equilíbrio dinâmico e vigilante entre liberdade de pesquisa e acolhida convicta do Magistério dos legítimos Pastores, anúncio da verdade inteira, com que o Espírito conduz o povo de Deus.

Tal obediência parece particularmente fecunda, urgente e significativa em tudo o que concerne ao Mistério de Cristo e da Igreja, à celebração e à catequese dos sacramentos, à vida moral dos jovens, da família e do povo cristão. Trata-se da verdade com que a fé ilumina a nossa vida e nos orienta para a sua plenitude.

A obediência consagrada também evidencia com força o rigor da doação a Deus, corrige a autonomia não motivada e não regulada, que representa uma tentação difusa no mundo de hoje,

---

<sup>77</sup> TMA 47

<sup>78</sup> cf. C 13

e propõe a dignidade de uma relação filial e não servil, rica de senso de responsabilidade e animada pela confiança recíproca<sup>79</sup>.

Ela comporta — como anota Santo Tomás — “*quaedam disciplina*”, que é o estilo do discipulado. Contesta, por isso, o preconceito da auto-suficiência orgulhosa do “*self made man*”, para redescobrir a fecundidade espiritual na humildade, que reconhece a competência e a contribuição dos irmãos nos caminhos de Deus, confessa a presença da graça no entrelaçamento relacional e evidencia a fragilidade de quem se põe “*iudex in causa propria*”, arriscando enganos dolorosos, se não até mesmo mortais.

A obediência é uma disciplina dada à nossa liberdade para fazer dela um instrumento idôneo de libertação. Feliz de quem aprende a vivê-la segundo o citado mote do Papa João: “*oboedientia et pax*”. Não é por acaso que existem muitos religiosos/as entre aqueles que expuseram e deram a vida pelo Reino, pela causa dos direitos humanos, pela defesa da mulher e da criança, pela educação de indivíduos e de povos. Eles são os profetas-mártires, dos quais João Paulo II nos convidou a reavivar a memória por ocasião do jubileu de 2000.

Emerge da obediência salesiana a coragem de aceitar os limites da nossa condição histórica, que nos pede não só obediência a Deus, como também ao homem, sobretudo em algumas fases e circunstâncias da existência. A obediência é apreciada no jovem que acata o educador e o adulto como interlocutores e guias do crescimento. Mas é requintada também no adulto, como capacidade de inserção serena e frutuosa num contexto, numa equipe de trabalho, num processo de projeto, que não se pode sempre fazer recomençar do zero. Ela se exprime no idoso como forma qualificada do “colocar-se nas mãos de Deus”,

---

<sup>79</sup> cf. VC 21

deixando-se conduzir por Ele, e como agrada a Ele, até dentro de sua Casa.

A nossa obediência é chamada a anunciar o estilo de autoridade-obediência, que foi inaugurado pelo Senhor Jesus como serviço e anunciado no seu Evangelho. Esse estilo apresenta-se como uma autêntica diaconia de Deus para os irmãos. Ele toma distância de todos os modos autoritários ou complacentes de exercer a autoridade, denuncia o risco de escorregar para formas de poder; coloca em guarda contra as deformações manipuladoras na gestão da autoridade. “O Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a vida em resgate de muitos”<sup>80</sup>.

A obediência do consagrado exprime solidariedade e intercessão por todos os que são chamados pela aspereza da vida a obedecer por força ou necessidade; pelos que, despojados da própria liberdade, sofrem injustamente o cárcere; por quem, mesmo no interior da família, é vítima de autoritarismos e prepotências e não pode apreciar a força libertadora do amor.

A obediência voluntária do salesiano evidencia o caráter relativo das opções e opiniões humanas que correm o risco de contrapor-se orgulhosamente umas às outras às custas da caridade...

Encontra-se, na regra de São Bento, o repetido convite a competir uns com os outros na obediência. Trata-se de uma competição que acolherá somente aquele que, na concha da obediência, descobriu a pérola da liberdade.

É profecia autêntica também o ficar obediente em zonas “limites” de serviço e de apostolado, testemunhando valores menos

---

<sup>80</sup> Mt 20,28

populares ou apenas originais, acabando por ficar “marginalizados com os marginalizados”, e encarnando a misteriosa lógica da “pedra desprezada pelos construtores”, de que o Senhor se serve de bom gosto para reedificar a sua Igreja e aumentar a sua capacidade de acolhida.

## 5. OBEDIÊNCIA PARA O TERCEIRO MILÊNIO

Falei-vos de obediência porque — contemplando os serviços da Congregação no século apenas iniciado, que abre o terceiro milênio — ela é um dos elementos que garantem a consistência do seu serviço, a qualidade da sua missão, a energia interior da comunidade. Para responder a essas expectativas, a nossa obediência precisa, certamente, ser renovada e vivida em profundidade, exprimindo uma riqueza inédita. E, quando referida à comunidade, que busca serenamente a significatividade da sua presença, testemunho e serviço, está substancialmente ligada ao CG25.

Falava-se, até ontem, na linguagem corrente, de uma “obediência de lugar”, em relação, sobretudo às transferências de uma casa a outra, ou de uma “obediência de papel”, que convidava a passar de um ofício a outro. Olhando adiante, é necessário falar de uma obediência polivalente, mais complexa e articulada, que permita responder — como indivíduos e comunidade — aos desafios do momento presente.

Sente-se, antes de qualquer coisa, a necessidade de uma *obediência criativa*, que não se resigna à rotina, mas se torna capaz de dar respostas novas às necessidades novas. É a obediência própria das virgens prudentes, que não se contentaram em levar as lâmpadas acesas, mas se aprovisionaram também do necessário para ir ao encontro do esposo. É a obediência do servo, que

não esconde o seu talento debaixo da terra, mas o negocia, e o faz frutificar. É a obediência do pastor que, na noite profunda, refaz o caminho em busca da ovelhinha perdida.

Parece difícil mover-se, na sociedade de hoje, apenas sobre o que está consolidado, repetindo de um lado o que já foi feito de outro. Para necessidades novas, é preciso inventar respostas novas. Tarefa do bom superior não é desencorajar a criatividade, mas valorizá-la e estimulá-la no interior do sulco traçado. Alguém pode dizer, por isso, que Dom Bosco foi capaz de formar os seus discípulos de modo a transformá-los em outros “fundadores” (pensemos, sobretudo nos missionários...).

Se a criatividade não quiser bater no vazio nem se resolver num jogo pirotécnico de breve respiro, deve inserir-se no sulco da *obediência comunitária e de projeto*. As casas e seus projetos educativos pré-existem aos irmãos, chamados a nelas morar e servi-las. Obedecer segundo um projeto significa, antes de tudo, tomar consciência do plano vigente nas casas, entrar neles com espírito de serviço, só modificando mais tarde o que deve ser modificado ou inovar o que deve ser inovado.

Quantas vezes, visitando as casas, encontram-se grupos de leigos e colaboradores frustrados porque cansados de perpetuamente terem de se adequar, não digo a um projeto que sempre deve ser relançado, mas a cada pessoa, chamada a ser pároco, ou diretor, ou encarregado do Oratório, que parecem dizer — mais com os fatos do que com as palavras, naturalmente — “Aqui, o projeto sou eu!”. E quem não consegue adequar-se... é dispensado.

O PEPS — e a obediência que lhe dá vida — refere-se necessariamente à comunidade educativa pastoral. Por isso, o projeto salesiano é marcado por uma forte *obediência comunitária*. Ela convida a descobrir os recursos — que são, sobretudo pessoas —

de que a comunidade dispõe; a ver o próprio papel entrelaçado em rede com outros papéis, que devem ser reconhecidos e valorizados; a crer com Dom Bosco que “viver e trabalhar juntos”<sup>81</sup> é fonte de eficácia segura e testemunho válido, sendo verdade que a nossa comunhão é a nossa primeira missão. Obediência e comunidade estão estritamente unidas: não só porque a queda da primeira leva a fenecer também a segunda, mas também porque o superior — que é a referência normal da obediência — é também o principal responsável da comunidade religiosa.

É preciso perceber, através da dimensão comunitária, que a nossa obediência ainda é sempre uma *obediência relacional*. O núcleo central não são as “coisas a fazer”, mas “as pessoas a encontrar”, as “relações a construir”, os “corações a contatar”. O educador salesiano não pode ser um navegador solitário, nem alguém que trabalha, como um Prometeu desacorrentado em meio a um deserto relacional. “Na comunidade e em vista da missão, obedecemos todos”<sup>82</sup>, e esta obediência comum gera um tecido relacional que devemos ter em conta na construção do nosso projeto e na oferta do nosso serviço. Ser-nos-á de grande ajuda no abraçar e cultivar a “espiritualidade da relação” a que somos convidados pelo CG24.

O campo e o contexto da obediência missionária alargam-se hoje na *relação com os grupos da Família Salesiana* e na capacidade de fazer frutificar a Carta da Missão Salesiana que, como dizia no ato de promulgação, não é um regulamento fixo de trabalho, mas quer formar uma mentalidade e é uma plataforma para construir colaborações possíveis e eficientes. Coloca-se nessa frente de batalha, por exemplo, o esforço de conhecer e

---

<sup>81</sup> cf. C 49

<sup>82</sup> C 66

estudar os modos de responder às chagas juvenis que a globalização não permite resolver, mas agrava: as crianças trabalhadoras, as crianças-soldados levadas prematuramente às armas, os jovens sem o mínimo suporte familiar e aqueles submetidos a abusos sexuais por parte de organizações criminosas.

Há o espaço interpessoal, há também o profissional e o educativo, mas não podemos deixar de acrescentar hoje o sociopolítico, nacional e internacional.

Ex-alunos, cooperadores, colaboradores, educadores podem acompanhar-nos na “fundação” de um direito em que os jovens tenham uma educação normal garantida.

Tudo isso poderá ter um sucesso maior se soubermos cultivar a *obediência formativa*, que faz da aprendizagem contínua um ponto firme, e do grupo de trabalho, confiado aos nossos cuidados ou à nossa animação, uma comunidade de aprendizagem. Desse novo estilo — imperativo inevitável de uma sociedade em que o conhecimento e a informação terão papel sempre mais decisivo — espera-nos o crescimento das pessoas, o incremento da qualidade do produto (também educativo), a atualização tecnológica, a renovação da organização do trabalho e da sua capacidade de responder à necessidade e às exigências do território.

O conjunto dos elementos acenados deveria ajudar-nos a viver uma *obediência propositiva*, capaz de ser mensagem e testemunho, comunicando aos jovens com coerência transparente o sentido da nossa vida. Essa capacidade de propor está relacionada hoje, sobretudo com dois fatores, que estão entre os mais buscados pelos jovens em discernimento vocacional e aos quais já acenamos repetidamente: a dimensão espiritual e a dimensão comunitária. A legibilidade espiritual da nossa obediência — que

se torna abandono confiante à Providência de Deus — e a sua capacidade de construir família são outros tantos canais, que tornam a compreensão da obediência acessível aos jovens de hoje.

Numa carta de 1617, escrita à Madre Favre, que era a superiora da Visitação de Lião, São Francisco de Sales examinava o problema de uma irmã muito fervorosa e devota, mas pouco obediente e incapaz, portanto, de renunciar aos seus pontos de vista mesmo legítimos (quanto à frequência à comunhão, por exemplo, ou à duração da oração mental), para abraçar a prática comunitária.

“Dir-vos-ei que se engana muito — anota Francisco — se crê que a oração possa ser levada à perfeição sem a obediência, a virtude mais cara ao Esposo, a virtude na qual, com a qual e pela qual Ele quis morrer. Sabemos pela história e por experiência que muitos religiosos se tornaram santos sem a oração mental, mas nenhum sem a obediência”<sup>83</sup>.

Nenhuma dúvida que — ultrapassando os umbrais do terceiro milênio — somos chamados, como salesianos e comunidades, a empenhar-nos numa obediência renovada. Estaremos, então, prontos, dóceis aos sinais dos tempos, para anunciar aos jovens o Senhor Jesus e o “projeto homem” por ele encarnado, com a plenitude do espírito de Dom Bosco.

## **6. ANUNCIAÇÃO, APELO E RESPOSTA: “FAÇA-SE EM MIM SEGUNDO A TUA PALAVRA”<sup>84</sup>**

Não posso concluir sem fazer ainda uma referência à Anunciação a Maria, que em parte já comentei em minha carta

---

<sup>83</sup> S. Francisco de Sales, *Tutte le lettere*, vol. II, 1294 (EP, Roma 1967)

<sup>84</sup> cf. Lc 1,38

sobre as vocações<sup>85</sup>, mas que representa também um sublime modelo para a nossa obediência na fé.

A narração, entre as mais belas do Evangelho de Lucas<sup>86</sup>, não se refere apenas ao passado, mas é uma chave para ler o presente. O Evangelho, de fato, não é só história, mas é sempre anúncio.

A narração é construída com acenos à Bíblia que apelam para antigas esperanças, exprimem expectativas atuais e antecipam os sonhos de salvação do homem. Maria, que personifica a humanidade, sente em si tudo isso e é chamada a colocar-se à disposição de Deus para realizá-lo.

“*Alegra-te*”: é uma saudação usada pelos profetas quando se dirigem à Filha de Sião. Garante atenção particular, olhar de amor, vontade benévola de Deus por uma pessoa e disso dá uma prova que se poderá depois verificar. Anuncia uma eleição que é felicidade sem par: “Exulta! coube-te um estupendo destino”.

“*O Senhor é contigo*”<sup>87</sup>: a garantia aparece muitas vezes quando Deus chama a uma missão; repete-se nas narrações das vocações que terão uma missão importante para a salvação. Indica que a atenção e o olhar de Deus se traduzem em presença, assistência, companhia, aliança.

“*Nada é impossível a Deus*”<sup>88</sup>: é a expressão dita a Sara, mulher de Abraão, no momento desesperado da sua esterilidade, no início da geração dos crentes. Exprime a decisão de Deus de intervir na vicissitude humana em favor do homem, superando qualquer limite de natureza ou liberdade humana, e de fazê-lo através de algumas pessoas escolhidas por ele.

Estamos diante do anúncio de um acontecimento de importância particular para a humanidade. É a “vocação”, o “chamado”

<sup>85</sup> cf. *Eis o tempo favorável*, in ACG 373, p. 43ss

<sup>86</sup> Lc 1,26-38

<sup>87</sup> Lc 1,28

<sup>88</sup> Lc 1,37

de Maria para colaborar no plano da salvação; e é a resposta na fé daquela que devia ser desse plano divino instrumento e medição humana.

Maria é convidada, de início, a crer que o acontecimento é possível e a crer também em si mesma (e é a coisa mais difícil!); depois a aceitar empenhar-se, e depois ainda a manter-se fiel na colaboração durante sua vida. Tudo isso como uma entrega incondicional a Deus.

Deus tem o misterioso poder de tornar fecundo aquilo que, ao olhar humano, é estéril, limitado ou perdido. Um convite, este, para rever a nossa fé na ação e na força do Espírito!

A Anunciação apela novamente à nossa vocação. Anunciação foi, de fato, a inspiração que nos moveu no seguimento do Senhor Jesus, a exemplo de Dom Bosco. E são anunciação os chamados a esforços e responsabilidades, nos quais é preciso entregar-se confiantes a Deus e esperar o futuro com confiança.

A Anunciação recorda-nos, sobretudo, como deve ser a nossa resposta pessoal a Deus: dócil, confiante, contínua, como a de Maria: *“Faça-se em mim segundo a tua palavra”*. Maria deixou-se plasmar pela Palavra de Deus, pelo Espírito de Deus, para ser a Mãe do Verbo. No santuário interior do seu coração agiram a graça e o Espírito para torná-la Mãe. Compreendemos a expressão tão cara aos Padres, que Maria concebeu na alma antes que no seio.

A nossa obediência na fé deve amadurecer, também, no diálogo com Deus e na docilidade ao Espírito. Às vezes, em nossa vida ativa, consagrada ou laical, manifesta-se uma tensão entre a relação pessoal com Deus, ou seja, atenção, diálogo, acolhida afetuosa e grata do Senhor, e — por outro lado — a preocupação pelos resultados da nossa atividade. Esta última nos desafia e, muitas vezes, nos tenta. Queremos fazer sempre mais e, aos

poucos, colocamos a nossa confiança nos meios e nas atividades, a ponto de estas acabarem por nos esvaziar. É preciso que as relacionemos constantemente à fonte da qual recebem energia e significado: o convite de Deus para colaborar com Ele. Este é o sentido profundo da nossa obediência.

Peçamos a Maria, que reconhecemos nas origens da nossa Congregação e da Família Salesiana, que o seu caminho na fé, manifestado na Anunciação, seja também o nosso: ouvir o chamado interior, deixar-se fecundar e plasmar interiormente pelo Espírito, e responder com o nosso *Eis-me aqui* para gerar frutos apostólicos.

Acompanho-vos com a minha lembrança e a minha oração, para que o trabalho de cada irmão e de cada comunidade, no sulco da obediência à vontade do Senhor, seja fecundo de bem para os jovens aos quais somos enviados.

Com a proteção de Maria Auxiliadora e de Dom Bosco,

A handwritten signature in black ink, reading "Juan Vecchi". The signature is written in a cursive style with a large, sweeping initial 'J' that extends downwards and to the left.

*P. Juan Edmund Vecchi*  
*Reitor-Mor*

# ANIMAÇÃO ESPIRITUAL E PASTORAL DOS GRUPOS PERTENCENTES À FAMÍLIA SALESIANA VALORIZADA PELOS CARISMAS DA ORDENAÇÃO PRESBITERAL

P. Antonio MARTINELLI  
*Conselheiro para a Família Salesiana*

### ***Introduzindo o tema***

A Família Salesiana — afirma o Capítulo Geral Especial — é uma realidade espiritual e eclesial, que se torna sinal e testemunho da vocação de seus membros, para uma missão particular no espírito de Dom Bosco (cf. CGE n. 159). Exprime, também, a comunhão entre os diversos ministérios a serviço do Povo de Deus, e integra as vocações particulares para que se manifeste a riqueza do carisma do Fundador.

Desejo, nesta comunicação, dirigir a atenção ao serviço que o *salesiano presbítero* é chamado a desenvolver, inserindo-se nos Grupos da Família com títulos diversos, segundo a função que lhe é confiada.

Tornam-se indispensáveis alguns esclarecimentos para colocar corretamente a reflexão que segue.

*Primeiro:* na Família Salesiana, todos os membros existem e agem como animadores. Não se trata de uma função que se refere

apenas a alguns membros e exclua os demais. Estão empenhados, portanto, na animação tanto os presbíteros como os leigos, tanto os religiosos como as religiosas. Ninguém está excluído. Não é prerrogativa apenas do presbítero.

O *segundo* esclarecimento é este: a animação dos membros de um Grupo é tarefa principal do próprio Grupo, dos seus organismos internos, das pessoas que lhe são prepostas. Significa que cada grupo organiza a própria animação. Entre os animadores, está a presença do presbítero, que deve definir o seu serviço considerando ao mesmo tempo a graça particular da ordenação e a especificidade do Grupo no qual é chamado a agir.

No interior desses esclarecimentos, pede-se ao salesiano presbítero que intervenha de modo expressivo e eficaz no seu serviço salesiano e presbiteral.

### ***Ponto de partida***

O número 33 da **Carta da Missão** apela para um aspecto não desprezível em vista da realização da missão salesiana. Leia-mos:

*O papel específico do sacerdote formador.*

O Concílio Vaticano II apresenta os presbíteros como guias e educadores do povo de Deus:

“As cerimônias mais belas ou as associações mais florescentes serão de bem pouca utilidade se não forem voltadas a educar os homens à maturidade cristã” (*Presbyterorum Ordinis*, n. 6). E justifica a afirmação: “Cabe aos sacerdotes, em sua qualidade de educadores da fé, cuidar, por si ou por meio de outrem, que cada um dos fiéis seja conduzido no Espírito Santo a desenvolver a própria vocação pessoal segundo o Evangelho, a praticar uma caridade sincera e ativa, a exercitar a liberdade com que

Cristo nos libertou” (cf. *ibid.*). O sacerdote salesiano é chamado assim às suas responsabilidades mais significativas no setor da formação.

A Palavra de Deus, os sacramentos, particularmente, a Eucaristia, o serviço da unidade e da caridade representam o maior tesouro da Igreja.

Parafraseando uma palavra conciliar, pode-se afirmar que não é possível formar espiritualmente uma família apostólica a não ser assumindo como raiz e eixo a celebração da Sagrada Eucaristia, da qual deve movimentar-se qualquer educação que tenda a formar o espírito de família (cf. *ibid.*).

*Os grupos da Família Salesiana sempre evidenciaram esta exigência formativa e voltam a propô-la através deste documento.*

A *Carta da Missão* torna a propor, assim, uma reflexão e uma relação entre presbítero e Família Salesiana, sobre a qual nos detivemos várias vezes.

Chamo a atenção, como exemplo, para a carta circular do P. Juan E. Vecchi, **A Família Salesiana completa vinte e cinco anos** (cf. ACG 358, janeiro-março de 1997). O Reitor-Mor escreve no parágrafo “*O serviço à Família Salesiana*”, ponto 3: *Um serviço salesianamente qualificado:*

Desejo chamar a atenção para um serviço específico nessa caminhada: o *presbiteral!* Considero-o importante e a ser prestado de maneira mais intensa. Foi melhorando, e não poucos irmãos poderiam oferecer-nos a experiência dos resultados obtidos. Ameaça, porém, o risco de reduzi-lo a pura “capelania”, isto é, a celebrações determinadas pelo horário ou calendário. Na concepção e na práxis de Dom Bosco esse serviço tem um peso determinante. Ele é Pai e pastor de sua Família.

Tudo aquilo que o Concílio indicou sobre o serviço sacerdotal, as muitas reflexões nascidas na Congregação sobre o tema, as exigências que nos chegam hoje da Igreja, devem en-

contrar-nos, a nós presbíteros, atentos e conscientes da riqueza do carisma sacerdotal.

Devemos perguntar-nos, queridos irmãos, se realizamos o serviço da palavra generosamente, com alegria interior, com competência e adequação aos tempos e às pessoas. Dedicamos ao ministério da santificação, propondo e acompanhando a caminhada espiritual, utilizando tudo o que a Igreja coloca à nossa disposição? Procuramos construir e fazer viver a comunidade que tem sua origem na vocação, a sua energia no Espírito, a sua raiz em Cristo ou ficamos, às vezes, apenas no nível da socialização e do convívio?

O serviço sacerdotal é um serviço no qual se deve empenhar toda a graça e a preparação recebida (ACG 358, pp. 32-33).

Recorde-se, para os vários sacerdotes animadores da Família Salesiana, o artigo 45 das *Constituições*, que no parágrafo dedicado ao salesiano presbítero escreve:

O salesiano presbítero ou diácono leva ao trabalho comum de promoção e de educação para a fé a especificidade de seu ministério, que o torna sinal de Cristo pastor, principalmente com a pregação do Evangelho e a ação sacramental.

O Dicastério para a Família Salesiana organizou, há alguns anos, um **seminário de estudo**, com a intenção de aprofundar o papel do sacerdote e o seu serviço entre os Grupos da Família.

O conteúdo do encontro, por várias circunstâncias, restrito a poucas pessoas competentes em vários âmbitos da Família Salesiana, não passou pelas comunicações habituais. Tinham sido convocados SDB, FMA, CC, Ex-alunos e VDB: 18 pessoas. O seminário foi realizado durante dois dias e meio.

Foram muitos os elementos emersos.

## ***Recordando os conteúdos do seminário de estudo***

As reflexões e trabalhos de grupo foram reunidos ao redor de algumas propostas temáticas oferecidas por relatores especialistas do tema. Foram estes os temas:

- Animação *pastoral e espiritual* hoje.
- Animação pastoral e espiritual, considerando as novas exigências da reflexão sobre a *mulher*.
- Animação pastoral e espiritual, considerando as novas perspectivas da reflexão sobre o *presbítero* hoje.
- Animação pastoral e espiritual, considerando as novas perspectivas da reflexão sobre a *vida consagrada* hoje.
- Animação pastoral e espiritual, considerando as novas perspectivas da reflexão sobre a formação dos *adultos* hoje.

A apresentação esquemática dos conteúdos desses dias de trabalho serve, hoje, à distância de alguns anos, a duas finalidades:

- falar da complexidade do tema, e
- oferecer alguns pontos de referência às comunidades inspetoriais, porque o tema se apresenta hoje mais urgente do que no momento em que o Dicastério promoveu o seminário de reflexão.

Posso apresentar – entre muitos – numa comunicação rápida e sintética, alguns horizontes que se referem à fecundidade do argumento

## ***Contextos do seminário***

A reflexão partiu das **expectativas** expressas pelos Grupos da Família Salesiana aos Salesianos reunidos no Capítulo Geral 21 (cf. documentação do CG21 junto ao arquivo central da Pisana)

e das respostas dadas pelo mesmo Capítulo (cf. Atos do CG21, números 529-532 para as FMA; números 533-541 para os Cooperadores; números 542-546 para as VDB; números 547-551 para os Ex-alunos. As respostas são suficientes para entender os pedidos apresentados!) e recolhidas, depois, em artigos regulamentares: os atuais artigos 36-41.

Foi examinado, depois, o contexto da **renovação** eclesial nos vários setores, que tiveram reflexos na presença e ação dos Salesianos a serviço dos Grupos: renovação bíblica, catequética, pedagógica, litúrgica, eclesiológica.

Referiu-se, portanto, à **cultura** em contínua mudança. A comunicação social, as descobertas científicas e tecnológicas, os novos movimentos de pensamento são realidades que envolvem a vida cristã, a vida consagrada e religiosa.

Foram consideradas, enfim, as **experiências** que se realizam na Família Salesiana, com o objetivo de rever o caminho feito, as dificuldades de visão da realidade e as dificuldades de realizar, na prática, as perspectivas doutrinárias, os horizontes para onde caminhar, para que a Família Salesiana viva plenamente a sua vocação.

### ***Orientações emersas***

Foram três as pistas indicadas pelo seminário, a serem percorridas para uma significativa e eficaz presença do salesiano presbítero:

- ❑ *preparação doutrinal* do salesiano presbítero, adequada às novidades e exigências dos membros dos vários Grupos. Basta pensar na riqueza de diversidade que existe no interior da Família: presbíteros e leigos, religiosos e consagrados, adultos e jovens;
- ❑ *formação* inicial e permanente do salesiano, aberta às originalidades dos diversos Grupos que vivem a vocação

comum. A comunidade poderá viver positivamente o papel de núcleo animador em proporção à abertura aos demais papéis;

- ❑ *experiência* compartilhada entre os Grupos que realizam o carisma salesiano, com as peculiaridades relacionadas com a identidade pessoal e comunitária. Hoje, os serviços a desenvolver para o crescimento e maturidade cristã dos outros nascem no campo prático da vida: a reflexão poderá tirar daí luz e força.

É preciso reconhecer que continuam determinantes, ainda hoje, as indicações do seminário de estudo e aprofundamento.

Tento retomar as orientações para defini-las de forma mais operativa.

### ***Preparação doutrinal do salesiano presbítero***

O primeiro elemento apresentado foi a competência, apoiada por uma sólida doutrina.

Os papéis do salesiano presbítero nos Grupos da Família Salesiana são vários:

- ❑ *delegado*: para os cooperadores e ex-alunos,
- ❑ *assistente eclesialístico*: para as VDB e os Voluntários CDB,
- ❑ *animador* espiritual: para a ADMA,
- ❑ *diretor espiritual*: para as Damas,
- ❑ *capelão* para serviços religiosos: todos os outros grupos que requerem a presença do presbítero.

Não se trata apenas de termos para definir a função do presbítero. Há, debaixo da palavra, uma realidade diversa.

O serviço de maior fôlego é o de *delegado*, que de alguma maneira contém todas as outras indicações.

O *capelão* é, aparentemente, o mais distante de uma presença eficaz. Contudo, também o serviço de capelão, se a sua função não se reduzir “*a celebrações determinadas pelo horário ou calendário*”, como se exprime o Reitor-Mor P. Juan E. Vecchi, na circular recordada, pode tornar-se um serviço para o crescimento humano, cristão e salesiano do Grupo.

O seminário recordou duas condições indispensáveis:

- agir *como animadores*, preenchendo a palavra com a riqueza de conteúdo que a animação tem na reflexão salesiana,
- estudar e reconhecer *a originalidade* de cada Grupo.

Estes representam os aspectos sobre os quais chamo a atenção dos irmãos chamados a animar algum Grupo da Família.

### ***Aprofundar a realidade da animação***

A primeira condição é fazer da **animação** a atitude normal do próprio modo de ser, pensar e agir. Alguns termos circulam hoje entre os Grupos e indicam os objetivos para a ação e organização da vida no interior e fora do Grupo. Fala-se frequentemente de *autonomia, comunhão e reciprocidade*.

O que for dito e recordado nos parágrafos seguintes é uma outra forma de falar da mesma realidade, e, sobretudo, de indicar a raiz e a razão da escolha dos três termos acima mencionados.

O presbítero salesiano, animador no interior dos Grupos da Família, é chamado a viver alguns critérios operativos de fundo, que constituem a substância da animação espiritual e pastoral.

- Saber reconhecer e valorizar as diferenças*

A Família Salesiana não suporta nivelamentos. Pelo contrário. A diferença deve ser vista e vivida como riqueza para as

pessoas e contribuição para o confronto profícuo e enriquecedor.

Justamente porque somos diferentes dos outros, aceitamos permutar algo de importante e útil que nos ajude reciprocamente. O âmbito educativo em que nos movemos como salesianos é uma relação entre “diferentes”, é sempre uma relação assimétrica. Respeita-se a dignidade de todos e indica-se a identidade de cada um.

O presbítero salesiano deve agir como presbítero com o carisma de Dom Bosco.

□ *Acolhida não é sinônimo de indiferença*

A acolhida da diferença entre os Grupos não é sinônimo de indiferença e muito menos de uma mal entendida tolerância recíproca. A animação exige que se reconheça a *liberdade* de cada um na expressão da própria identidade.

A acolhida, porém, é um modo de, também, empenhar a *responsabilidade* do outro diante de todos; eles têm o direito de esperar o dom que é inerente à diferença. A acolhida exprime, assim, a confiança no bem que vive e age em todas as pessoas e a esperança de conseguir transformar a realidade através de processos educativos.

A preocupação educativa, para o salesiano presbítero, investe ainda o âmbito da pastoral e da espiritualidade. Habilitar-se na animação é, por isso, tão importante quanto assumir os conteúdos específicos da pastoral e da espiritualidade.

□ *O confronto deve provocar e estimular um caminho de crescimento*

A animação não pode ser reduzida a técnicas de animação ou ao uso de alguns instrumentos. Deve provocar para a novidade e estimular para a coerência. É uma competência que deve ser adquirida e experimentada. Ela representa, para o presbítero sale-

siano inserido nos Grupos da Família de Dom Bosco, um modo pessoal de ser e agir; um modelo formativo para habilitar em algumas capacidades de identidade e relação; um método que seleciona recursos e intervenções práticas.

*Reveja-se, portanto, a capacidade de animação* do salesiano presbítero, chamado a prestar um serviço aos Grupos da Família.

As novas exigências emersas na consciência dos crentes exigem hoje um serviço qualificado. É suficiente referir-se às novidades doutrinárias e teológicas, vividas pela Igreja, ao redor de alguns temas. Apresentando os mais evidentes:

- o serviço à Palavra,
- a celebração dos Sacramentos,
- a organização da caridade,
- a profecia da vida consagrada,
- o protagonismo laical,
- a dignidade da mulher,
- a formação dos adultos.

O crescimento da Família Salesiana como realidade espiritual e eclesial impõe uma nova atenção doutrinária no salesiano.

### ***Valorizar a originalidade de cada Grupo***

A segunda condição refere-se à originalidade de cada Grupo.

*Estudar a originalidade* dos Grupos da Família Salesiana serve ao salesiano presbítero para ele saber adequar-se às necessidades e urgências culturais e pessoais dos vários membros.

*Além disso*, conhecer a originalidade dos grupos servirá para ser concreto nas propostas de vida e ação e no itinerário de crescimento pessoal e do grupo em relação ao carisma.

*Enfim*, servirá para valorizar os dons de cada um na harmonia do conjunto, do Grupo e da Família Salesiana.

É útil recordar, neste contexto, o quanto a *Formação dos Salesianos de Dom Bosco* insista na necessidade da compreensão e animação das diversas vocações no interior da Família Salesiana (cf. FSDB n. 469. Pode-se encontrar a mesma insistência em vários pontos que interessam jovens irmãos e irmãos inseridos no trabalho das comunidades).

Retomo uma página do P. Egídio Viganò, na carta sobre **A Família Salesiana** de 24 de fevereiro de 1982, no parágrafo “*Na harmonia de uma única Família, cada um partilha de todo o carisma, mas colocando em relevo alguns de seus elementos*”:

Podemos, assim, compartilhar e intercambiar na Família Salesiana ricos valores e numerosos estímulos e testemunhos que tornam mais estável e entusiasmante a vocação de cada um. De fato, podemos ver, por exemplo, como os grupos *consagrados* sublinham o vigor e o dinamismo da radicalidade evangélica; os grupos *não consagrados* proclamam a centralidade da história humana, a importância dos valores temporais e a indispensabilidade de um nexos íntimo entre vida de consagração e empenho na transformação do mundo (cf. LG 31). Colocase em relevo, nos membros *padres*, um modo específico de viver a caridade pastoral no exercício do ministério sacerdotal (cf. PO 8), nos *outros*, um tipo múltiplo de vida e de empenho laical (em seus diversos níveis), que se caracteriza particularmente pela capacidade de serviço especializado na vasta e complexa missão juvenil.

Nos vários grupos, depois, vêem-se uma acentuada policromia de aspectos espirituais, que não devem faltar em nenhum coração salesiano, mas que são mais evidenciados ou mais característicos em algum dos grupos, e que a comunhão da Família coloca de modo belo à disposição de todos.

Pensemos, por exemplo, sem querer ser minimamente completos:

- nos *Salesianos*, com a sua bondade alegre, a inventiva pedagógica, a animação incansável, o aprofundamento do patrimônio comum e a coragem missionária;
- nas *Filhas de Maria Auxiliadora*, com a delicadeza e a pers-

pectiva salesiana feminina, a solicitude mariana de fidelidade e sacrifício, a intuição esposal, materna e fraterna, de serviço e a intimidade da oração;

- nos *Cooperadores*, com o realismo do sentido da vida, a capacidade de envolver o cotidiano e o profissionalismo no trabalho apostólico, a presença ativa na sociedade e na história;

- nas *Voluntárias de Dom Bosco*, com o aprofundamento da educação salesiana, a centralidade para nós da área cultural, a silenciosa eficácia do fermento na massa, o testemunho a partir de dentro;

- nos *Ex-alunos*, com a força vinculadora da educação salesiana, a centralidade para nós da área cultural, o relançamento de uma pedagogia atualizada e adequada numa época de transição, a urgência de um cuidado especial da família salesiana;

- em alguns *outros Institutos de religiosas salesianas*, como as Filhas dos SS. Corações de Jesus e Maria do P. Variara e as Salesianas Oblatas do S. Coração de Dom Cognata, com um peculiar filão de espiritualidade sacrificial, já testemunhada eminentemente pelo P. André Beltrami: elas recordam a todos os outros membros da Família que a oblação de si e a paciência de “hóstia pura e agradável” são indispensáveis para cada um nas peripécias da existência, na incompreensão, enfermidade, inatividade forçada e velhice.

- E assim, *nos outros Grupos*, com a própria caracterização específica (ACG 304, pp. 25-26).

O trabalho para o salesiano presbítero é amplo: é delicado e importante, em muitos aspectos. Incluem-se aí a identidade dos Grupos, a missão salesiana, a imagem na Família de Dom Bosco, a construção e difusão do movimento salesiano.

### **Comunhão, autonomia, reciprocidade**

Os valores da comunhão, da autonomia e da reciprocidade orientam, de modo específico, a ação do presbítero salesiano no interior da Família.

O sacerdote animador é chamado, *antes de tudo*, como todos os salesianos, a ser *servidor da comunhão* no espírito salesiano, a partir especificamente da graça sacramental que recebeu na ordenação.

Aquilo que as *Constituições, depois*, exigem no artigo 5 como particular responsabilidade da Congregação perante a Família, encontra sua realização no exercício presbiteral da palavra, dos sacramentos e da caridade. *A Formação dos Salesianos de Dom Bosco* retoma e sugere, no número 39, o tema ao redor de três núcleos: o ministério da palavra, o serviço de santificação, a animação da comunidade cristã.

Ele é chamado, *além disso*, como todos os salesianos, a ser *promotor da metodologia pastoral* do Sistema Preventivo, adequando-o, com a abertura típica de evangelizador e missionário, às diversas situações de vida de cada um, e à vocação particular de serviço ao mundo e à Igreja.

É chamado, depois, como todos os salesianos, a ser promotor de *comunicação fiel e criativa* dos valores que vivem nos Grupos da Família. Eles representam uma riqueza que se deve fazer circular dentro e fora dos muros de casa.

### 4.1 Crônica do Reitor-Mor

O mês de **janeiro de 2001** começou para o Reitor-Mor com um breve período de repouso, aproveitando uma pausa dos trabalhos do Conselho Geral. Em 1º de janeiro, acompanhado pela Ir. Eularia Piñarte, o P. Vecchi parte para Turim. Detém-se em Valdocco para o almoço com os irmãos da comunidade inspetorial e, à tarde, acompanhado pelo Ecônomo Inspetorial da ICP, vai ao Vale D'Aosta, Les Combes, à casa que hospedou o Santo Padre em julho de 2000. Pode, nessa ocasião, receber algumas visitas de irmãos e de outras pessoas do lugar.

Terça-feira, **9 de janeiro**, após a Santa Missa em sufrágio dos defuntos, o Reitor-Mor retorna a Valdocco e, à tarde, para Roma, retomando os trabalhos da sessão plenária do Conselho Geral, que se concluirá em 26 de janeiro.

Contemporaneamente aos trabalhos do Conselho, P. Vecchi

preside — dias 10-17 de janeiro — o **curso para os novos Inspectores**, fazendo-lhes conferências e recebendo-os individualmente.

Domingo, **21 de janeiro**, o Reitor-Mor, vai à UPS, Comunidade das Filhas dos Sagrados Corações de Jesus e Maria, para cumprimentar as Irmãs. É recebido pelo P. Francisco Cereda, Superior da Visitadoria UPS, indo em seguida aos ambientes da Comunidade das Irmãs para cumprimentá-las. Após o almoço, retorna à Pisana.

Terça-feira, **30 de janeiro**, acompanhado pela Ir. Eulália Piñarte, P. Vecchi vai a Turim para a festa de Dom Bosco. O Reitor-Mor tem a grata surpresa de encontrar no aeroporto de Fiumicino o bispo salesiano Dom Adriano Van Luyn, Bispo de Rotterdam, que também ia a Turim. Chegando em Valdocco, vai logo ao refeitório da comunidade inspetorial para o jantar.

Quarta-feira, **31 de janeiro** é o dia da festa de Dom Bosco.

Às 8:30h o Reitor-Mor preside a Concelebração eucarística, com a participação de um grande número de irmãos. Estão presentes os alunos e alunas de Valdocco dos Salesianos e das FMA e uma numerosa multidão. A Santa Missa é animada pelos alunos da escola São Domingos Sávio. P. Vecchi faz a homilia, enviando uma *mensagem ao Movimento Juvenil Salesiano* (cf. n. 5.1 destes ACG), introduzida por algumas palavras ligadas ao tema da festa celebrada.

Em seguida, na sacristia, muitas pessoas vêm cumprimentar o Reitor-Mor, que a todos responde e escuta. Muito grato e cordial, o encontro com o Arcebispo de Turim Dom Severino Poletto, recém nomeado Cardeal. P. Vecchi vai, em seguida, à igreja de São Francisco de Sales, onde está reunido um grupo de jovens do Instituto Agnelli para uma jornada de retiro, e dirige-lhes uma breve saudação.

Concluído este encontro, o Reitor-Mor visita os irmãos da enfermaria e, à tarde, retorna a Roma.

Quinta-feira, **1º de fevereiro**, P. Vecchi vai à UPS, Comunidade das Filhas dos Sagrados Co-

rações de Jesus e Maria, onde ficará para um período de repouso. Recebe todos os dias a visita do Vigário P. Luc Van Looy ou de outros Conselheiros, e de vários irmãos. Chega-lhe regularmente a correspondência, podendo atender aos empenhos de governo da Congregação.

Domingo, **11 de fevereiro**, P. Vecchi, acompanhado pelo Superior da Visitadoria UPS, P. Francesco Cereda, vai ao Instituto Pio XI em visita aos irmãos enfermos. O encontro é cordial, como sempre. Após alguns cantos e saudações, toma brevemente a palavra, sublinhando a contribuição dada à missão da Congregação pela condição de doença quando ela é acolhida com fé; comunica, também, algumas notícias da Congregação, e retorna em seguida à UPS.

O dia **15 de fevereiro** é solenizado com a bênção de um busto em bronze do P. Luis Variara. Estão presentes à sua bênção e descerramento umas trinta pessoas. Vieram para a ocasião vários irmãos da Pisana, entre os quais os padres Olarte e Liberatore.

Sexta-feira, **16 de fevereiro**, o Reitor-Mor, acompanhado pelas Irmãs Eulália e Sonia,

Filhas dos Sagrados Corações, e pelo P. Eugenio Fizzotti, vai a Castellamare di Stabia para visitar os irmãos salesianos enfermos que aí residem. À tarde, retorna a Roma.

Sexta-feira, **23 de fevereiro**, à noitinha, o Reitor-Mor deixa momentaneamente a comunidade das Filhas dos Sagrados Corações para retornar à Pisana. A ocasião é dada pelos festejos em homenagem aos dois novos Cardeais Salesianos, Oscar Rodríguez Maradiaga e Ignacio Velasco García.

A festa tem início com a celebração de Vésperas, presidida pelo P. Vecchi, com a participação dos Cardeais Salesianos Oscar Rodríguez Maradiaga, Alfonso Stickler, Obando y Bravo, Antonio Javierre Ortas, e os Bispos Dom Tarcisio Bertone e Dom Luis Santos Villeda. A festa termina com a ceia fraterna. Após a ceia, o Reitor-Mor retorna à UPS.

Terça-feira, **6 de março**, P. Vecchi, acompanhado pelas Irmãs Eulália e Sandra, da Comunidade do P. Variada, da UPS, vai a Civitanova Marche, Villa Conti, Inspetoria Adriática, para visitar os irmãos enfermos. Em seguida,

vai a **Loreto** para o almoço; aqui, além do diretor e de outros irmãos, é acolhido com uma manifestação especial de alegria pelos padres Scrivo e Verdecchia.

Domingo, **11 de março**, o Reitor-Mor recebe — na Comunidade dos Sagrados Corações da UPS — os parentes dos mártires espanhóis beatificados pelo Santo Padre naquela manhã. Acompanham-no os Inspetores de Barcelona e de Valência e outros salesianos. O encontro é familiar e muito sentido. A todos eles, o P. Vecchi entrega como lembrança uma medalha de Dom Bosco. Acontece, em seguida, o jantar das comunidades da UPS, durante o qual se prolonga a alegria pela beatificação dos Mártires.

A jornada de **20 de março** é muito significativa, comemorando o aniversário do Reitor-Mor. Ele vai para o almoço da Casa Geral, onde os irmãos assistem ao vídeo gravado na eleição de cinco anos atrás. Seguem-se os cumprimentos, com um brinde comunitário. À noite, retornando à UPS, preside a Concelebração com os irmãos das Comunidades da UPS, seguida de um momento fraterno.

## 4.2 Crônica do Conselho Geral

A sessão plenária de verão do Conselho Geral — décima desde o início do sexênio — teve início na terça-feira, 5 de dezembro de 2000, e concluiu-se na sexta-feira, 26 de janeiro de 2001, com o total de 25 reuniões plenárias, acompanhadas de outros encontros de grupos e setores. As reuniões foram presididas pelo Reitor-Mor.

Como sempre, o Conselho esteve empenhado — na maior parte do tempo disponível — na solução de práticas vindas das Inspetorias: nomeação de membros dos Conselhos Inspetoriais e aprovações de nomeações de Diretores, aberturas e ereções canônicas de casas e/ou atividades (contam-se no período 4 novas aberturas de presenças, 15 ereções canônicas de casas, 7 encerramentos canônicos), práticas a respeito de alguns irmãos e práticas econômico-administrativas.

O maior empenho, contudo, relacionou-se com os assuntos de governo e animação das Inspetorias e o estudo de temas ou problemas de caráter mais geral relativos à vida e à missão da Congregação em seu conjunto. Apresentam-se

em seguida o elenco dos principais assuntos.

### 1. Nomeações de Inspetores

A nomeação de Inspetores foi, como em todas as sessões plenárias, a tarefa mais trabalhosa do Conselho Geral, que a ela se dedicou com o procedimento de costume, que compreende: análise da consulta inspetorial, discernimento em sede de Conselho, primeira votação sondagem sobre os principais candidatos, votação definitiva com o consenso sobre o candidato designado. O elenco em ordem alfabética dos Inspetores nomeados é este: Guerrero Cordova Héctor, de Guadalajara, México; Hon Tai-Fai Sávio, de Hong Kong, China; Lete Lizaso Ignacio, de Bilbao, Espanha; Spronck Herman, da Holanda; Valerdi Sánchez Luis Rolando, do México, México. (Pode-se ver alguns dados pessoais dos Inspetores nomeados no n. 5.3 destes ACG).

### 2. Relatórios das visitas extraordinárias

Outro trabalho importante do Conselho nesta sessão foi o

exame cuidadoso dos relatórios das Visitas Extraordinárias feitas pelos Conselheiros, em nome do Reitor-Mor, no período agosto-novembro de 2000. O relatório da Visita Extraordinária, apresentada pelos respectivos Visitadores, é para o Conselho um momento privilegiado de conhecimento e reflexão sobre a realidade salesiana da Inspeção, a vida e a missão das comunidades, a significatividade do projeto inspetorial e as perspectivas de futuro. Delas derivam indicações úteis para a carta conclusiva do Reitor-Mor, com propostas de iniciativas de acompanhamento por parte do Conselho Geral.

As Inspeções ou Circunscrições (em ordem alfabética) cujos relatórios foram examinados são estas: Argentina – Buenos Aires, Áustria, Bélgica Sul, Canadá, Itália – Lígure-Toscana, Índia – Guwahati, Estados Unidos Oeste, Hungria e Venezuela.

### **3. Relatórios informativos dos Conselheiros**

Como nas demais sessões plenárias, cada Conselheiro de setor (formação, pastoral juvenil, família salesiana e comunicação

social, missões, economia), como também o Vigário do Reitor-Mor, fizeram um breve relatório das principais atividades realizadas — pessoalmente ou em nível de Dicastério — a serviço da animação das Inspeções e da Congregação em nível mundial.

Após a apresentação dos “relatórios informativos” seguiu-se um tempo de confronto em Conselho, com a finalidade de sublinhar alguns pontos significativos de atuação ou aspectos que exigem uma atenção maior, como também temas para os quais se vê como necessário ou oportuno um posterior e mais aprofundado exame de todo o Conselho.

### **4. Temas de estudo e decisões operativas**

#### *4.1 Preparação do Capítulo Geral 25*

O Conselho Geral continua a reflexão e a oferta de indicações para a preparação mais adequada do Capítulo Geral 25. Na sessão intermédia extraordinária de abril de 2000 (cf. ACG 372, crônica do Reitor-Mor) foi determinado o tema do Capítulo; em junho de 2000 foi examinado o roteiro de

reflexão predisposto pela Comissão Técnica Preparatória; agora, o Conselho examinou — por indicação do Regulador do Capítulo P. Antonio Domenech — as providências concretas sobre alguns aspectos importantes da realização do Capítulo. Entre eles, por exemplo, a organização logística, a organização das traduções dos documentos e das intervenções durante as sessões, o discernimento em vista das eleições etc. Foram oferecidas algumas sugestões ao Regulador sobre o modo de proceder.

O Reitor-Mor, em vista do Capítulo Geral, ofereceu também aos Conselheiros algumas linhas para as contribuições que os próprios Conselheiros devem fornecer-lhe em vista da relação que ele fará ao CG25.

#### 4.2 Algumas decisões operativas

Entre as decisões operativas no decurso da sessão, assinalam-se estas:

- reflexão especial, feita em concomitância com a nomeação do novo Inspetor, sobre a *presença salesiana na*

*Holanda*, com indicação de um caminho de colaboração com a vizinha Inspetoria da Bélgica Norte, em perspectiva de futuro;

- reflexão sobre *Don Bosco International* e o serviço que pode prestar à presença salesiana, sobretudo na Europa;
- exame da proposta de uma *Agência Fotográfica* a serviço da Comunicação Social — nos seus vários instrumentos — e do Arquivo.

Recorde-se ainda — neste período — o *curso para os novos Inspetores*, realizado nos dias 7-17 de janeiro: um encontro com numerosos Inspetores (18), muito rico não só pelas reflexões oferecidas pelo Reitor-Mor, pelo Vigário e pelos Conselheiros, como também pelo intercâmbio fraterno.

### **5.1 Mensagem do Reitor-Mor ao Movimento Juvenil Salesiano**

*Apresenta-se aqui a Mensagem que, da Basílica de Maria Auxiliadora em Turim-Valdocco, o Reitor-Mor dirigiu ao Movimento Juvenil Salesiano, durante a Concelebração por ocasião da festa de São João Bosco, em 31 de janeiro de 2001, retomando e sublinhando ainda alguns temas do Ano Jubilar, há pouco concluído.*

**1. Caros jovens do Movimento Juvenil Salesiano.**

Concluímos há poucos dias a experiência singular do ano jubilar.

Foi um ano intenso pelos momentos vividos em nível local e mundial. Acolhemos, mais de uma vez, o convite de João Paulo II e o seguimos, nós também, peregrinos na história, para encontrar o Senhor Jesus: centro e motivo das celebrações jubilares.

Deixamo-nos envolver no

caminho da Igreja também como Família Salesiana e como Movimento Juvenil. Permanecem inesquecíveis, entre os tantos momentos, a Jornada Mundial da Juventude de agosto, precedida do Fórum mundial do MJS, e as celebrações missionárias de outubro e novembro, com a canonização dos nossos salesianos mártires na China, Dom Versiglia e P. Caravario, e a partida dos missionários da Basílica de Maria Auxiliadora em Turim.

Serviu-nos tudo de ajuda, para verificar o nosso estado de saúde vocacional. Os cantos, os jogos e a alegria expressaram, exterior e visivelmente, a nossa alegria interior porque nos encontramos vez por vez confirmados em nossa fé e envolvidos num caminho de educação e serviço, segundo o modelo de santidade juvenil proposto por Dom Bosco.

Não posso esquecer que a alegria transpareceu também no rosto cansado e afadigado de quem se empenhou, às vezes de modo escondido, numa experiência de

serviço para que a alegria pudessem ser compartilhada, o encontro fosse acolhedor e profícuo, a oração pudessem ser cuidada e eficaz, a organização atenta às múltiplas necessidades. Penso especialmente nos numerosos voluntários, jovens e adultos, que prestaram o próprio serviço, com generosidade e competência.

2. “A quem procurais?”. É a pergunta que ousou fazer-lhes, pensando em vossa busca de alegria e de felicidade, em vossos sonhos de futuro e também nos momentos de desconforto após uma desilusão ou insucesso.

“Na realidade — disse-vos o Papa — é Jesus a quem procurais, quando sonhais a felicidade; é Ele quem vos espera quando nada daquilo que encontráis vos satisfaz; é Ele a beleza que tanto vos atrai; é Ele quem vos provoca com aquela sede de radicalidade que não vos permite acomodar-vos nos compromissos; é Ele quem vos leva a depor as máscaras que falseiam a vida; é Ele quem lê em vossos corações as decisões mais verdadeiras que outros queriam sufocar. É Jesus quem suscita em vós o desejo de fazer da vossa

vida algo de grande, a vontade de seguir um ideal, a recusa de deixar-vos engolir pela mediocridade, a coragem de empenhar-vos com humildade e perseverança para melhorar a vós mesmos e a sociedade, tornando-a mais humana e fraterna” (*João Paulo II, 19 de agosto de 2000, Vigília em Tor Vergata, na JMJ 2000*).

3. Onde encontrar o Senhor Jesus? Normalmente repetimos que Jesus está em cada irmão que precisa e espera que nos façamos próximos dele. É verdade. A caridade para com o irmão é, de algum modo, a medida à nossa disposição para manifestar o amor de Deus. É-nos recordado por São João em sua Carta. É o ensinamento da parábola do bom samaritano.

Augurastes, na Mensagem final do Fórum mundial, entre as linhas de compromisso, “fazer da vida de cada dia o lugar do encontro com Deus na descoberta da sua presença nos jovens, sobretudo nos mais pobres” e, também, “cultivar o discernimento espiritual que nos leve a descobrir a nossa vocação na sociedade e na Igreja, e favoreça um estilo

cristão de vida realmente evangelizador dos jovens, sobretudo, dos distantes”.

Compromissos elevados e merecedores de atenção e encorajamento. Compromissos que exigem constância, confiança, esperança. Compromissos que, muitas vezes, se chocam também com o cansaço cotidiano e o limite colocado pelo nosso egoísmo, que por vezes gera o pecado. Não podemos nos apoiar tão somente em nossas forças e entusiasmos: devemos dirigir-nos continuamente à fonte de onde brota a força do amor de Deus.

Durante a celebração eucarística do *Fórum* mundial MJS, eu vos dei uma lembrança, recordando-vos as palavras de Jesus: “*Eu sou o pão da vida!* É a lembrança que Jesus vos dá ao término do *Fórum*, que vivestes nestes dias. Uma lembrança que vos dispõe a enfrentar com coragem o caminho do Terceiro Milênio, enquanto já degustais o encontro tonificante com o Papa e com uma grande Igreja juvenil, capaz de convocar tantos discípulos e amigos de Jesus vindos do mundo todo”.

E continuava dizendo: “*Eu sou o pão de vida!* Jesus nos chama primeiramente a nos aproximar-

nos dele e cultivar com Ele uma amizade entusiasta e fecunda, como a dos discípulos, que nos coloca em contato com sua pessoa, sua mentalidade e sua missão. Recordai tudo aquilo que os apóstolos aprenderam nos três anos vividos com Ele: amizade intensa e grande familiaridade, uma verdadeira e própria escola de vida. Não podeis ser apenas freqüentadores ocasionais deste Mestre: não basta levá-lo na camiseta ou apresentar um musical no qual se fala dele. É preciso a freqüentação assídua, a amizade, o amor, o desejo de aprender dele, de conformar-se a Ele, de assumir o estilo de vida que Ele nos propõe”.

4. É verdade: não basta ser freqüentadores ocasionais deste Mestre. O Papa indicou aos jovens a centralidade do Evangelho, na Vigília durante a Jornada Mundial da Juventude: “Esta noite, eu vos entregarei o Evangelho — disse. É um dom que o Papa vos deixa nesta vigília inesquecível. A palavra contida nele é a palavra de Jesus. Se a escutardes no silêncio, na oração, fazendo-vos ajudar a compreendê-la para a vossa vida pelo sábio conselho

dos vossos sacerdotes e educadores, então encontrareis a Cristo e o seguireis empenhando a vida por Ele, dia após dia!”.

Vós mesmos repetistes a Mensagem final do *Fórum* o compromisso de “favorecer o encontro pessoal com Jesus através da interiorização da Palavra de Deus”.

A Palavra, na Espiritualidade Salesiana, está estritamente unida à Eucaristia: a mesa da Palavra e a mesa da Eucaristia estão intimamente unidas, e se referem uma à outra. Eu recordava, no Colle Don Bosco, durante o *Fórum*: “A Palavra leva-nos à Eucaristia. Há, na celebração, uma continuidade e uma referência recíproca entre Palavra acolhida e Corpo de Cristo comido. Não se entende uma sem o outro, e vice-versa. À companhia assídua e à escuta da Palavra, é preciso acrescentar o nutrimento do Pão de vida, e, dessa forma, a Eucaristia acolhida e assimilada será vivida depois na caridade e no amor fraterno. Ela foi a força de todos os lutadores, a referência de todos os santos, a companhia de todos os apóstolos”.

O convívio cotidiano com a Palavra não só introduzirá à

mais freqüente participação na celebração eucarística, a começar da dominical, mas será sobretudo o instrumento primeiro e mais eficaz daquele *laboratório de fé* ao qual o Papa se referiu.

**5.** Eis aqui, portanto, a mensagem: *escuta a Palavra!*

Escuta e medita a Palavra, para encontrar a vontade de Deus e confrontá-la com o teu projeto de vida.

Escuta a Palavra, para colher os sinais da presença de Deus na tua história, que é porção preciosa da grande história de salvação.

Escuta a Palavra, para fazer crescer a tua fé e conquistar um sempre maior e mais claro conhecimento do Deus de Jesus Cristo contra qualquer forma de idolatria.

Escuta a Palavra, para iluminar a tua mente e assumir critérios de avaliação do mundo e da história, para que cresça a justiça e a paz.

Escuta a Palavra, para robustecer o teu caráter e enfrentar com alegria e coragem as dificuldades e provas da vida.

Escuta a Palavra, para purificar a tua consciência e amar o

próximo com generosidade, pureza de coração, liberdade interior.

Escuta a Palavra, para qualificar a tua formação cristã e alimentar cotidianamente a tua caridade.

6. “*Faça-se em mim segundo a tua Palavra*”. Guiam-nos, ainda uma vez, as palavras de Maria: como Ela, também tu és enviado a dar carne àquela Palavra e torná-la viva em todos os dias.

Somente o Evangelho vos sustentará. Somente o Evangelho criará ao vosso redor um campo de luz, um espaço de verdade, uma força de amor. Retornai regularmente à Palavra. Interiorizai os ensinamentos do Evangelho. Confrontai continuamente a vossa vida com esta proposta de vida plena e de salvação integral.

## **5.2 Decreto sobre a heroicidade das virtudes da Serva de Deus *María Romero Meneses, FMA.***

*Apresentamos o Decreto sobre a heroicidade das virtudes da Serva de Deus *María Romero Meneses, FMA, que — na presen-**

*ça e por mandato do Papa João Paulo II — foi lido e promulgado em 18 de dezembro de 2000. O Decreto, pelo qual a Serva de Deus é reconhecida como Venerável, abre o caminho para a futura Beatificação.*

### **CONGREGAÇÃO PARA AS CAUSAS DOS SANTOS**

#### **SÃO JOSÉ DA COSTA RICA**

**BEATIFICAÇÃO E  
CANONIZAÇÃO  
DA SERVA DE DEUS  
*MARÍA ROMERO MENESES*  
RELIGIOSA PROFESSA  
DO INSTITUTO DAS FILHAS  
DE MARIA AUXILIADORA  
(1902-1977)**

### **DECRETO SOBRE AS VIRTUDES**

*“Procedei com amor, imitando Cristo que vos amou e se entregou por nós a Deus, como oferta e sacrifício de suave perfume” (Ef 5,2).*

A Serva de Deus Ir. *María Romero Meneses* seguiu com entusiasmo e operoso fervor o

exemplo do Senhor Jesus, que passou beneficiando os pobres e oferecendo ao Pai a própria vida pela redenção dos homens. Ela se empenhou numa atividade eficaz para difundir a luz do Evangelho na sociedade e edificar o Reino de Cristo na justiça e na paz.

Esta digna discípula de São João Bosco e de Santa Maria Domingas Mazzarello nasceu em Granada, Nicarágua, no dia 13 de janeiro de 1902, na família abastada de Félix Romero Arana — então ministro das finanças — e Ana Meneses Blandón, pessoas de vida profundamente cristã, que deram aos filhos uma sólida educação humana e religiosa.

À fonte batismal foi dado à pequena o nome de Maria; em 1904 recebeu o sacramento da Confirmação e, aos oito anos, a primeira Comunhão. Como as meninas de sua classe, ela foi encaminhada ao estudo de piano e violino, de desenho e pintura. Inscrita como aluna na escola das Filhas de Maria Auxiliadora, teve de interromper sua frequência por uma grave infecção de natureza reumática, de que foi curada por intercessão da Virgem Maria, por ela invocada com grande confiança.

Retomou em seguida os estudos, com particular sucesso na música, pela qual tinha uma propensão especial. Na escola, pôde cultivar e aumentar a própria devoção pela Mãe de Deus e, aos quatorze anos, com o consentimento do confessor, emitiu privadamente o voto de castidade. Manifestou aos pais, algum tempo depois, o propósito de abraçar a vida consagrada, mas foi-lhe pedido que esperasse ainda alguns anos. Em 1920, finalmente, obteve permissão para seguir a própria vocação, e entrou como postulante no Instituto das Filhas de Maria Auxiliadora.

Durante o período de noviciado, em El Salvador, foi encarregada do ensino de música e canto às companheiras, às quais deu também um exemplo constante de obediência aos superiores e de constante diligência na realização das tarefas que lhe eram confiadas. Compenetrava-se ao mesmo tempo do espírito de São João Bosco e de São Francisco Sales, que se tornaram seus mestres no itinerário de santidade e apostolado.

Completado o noviciado regular tornou-se, em 6 de janeiro de 1923, Ir. Maria, emitindo a

profissão religiosa temporária que, a partir daquele dia, será renovada por ela cotidianamente com crescente amor.

Retornou no ano seguinte à Pátria, à cidade de Granada, como professora de arte e música; em 1929, pronunciou os votos perpétuos e, em 1931, foi transferida a São José da Costa Rica, que será a sua segunda pátria.

Enquanto desenvolvia o ensino regular no Colégio Maria Auxiliadora, dedicava-se à formação cristã no oratório, além da catequese e obras de caridade pelas crianças e jovens dos bairros periféricos da capital; sua atividade foi crescendo aos poucos, até criar entre suas alunas um grupo de jovens entusiastas e partícipes de suas iniciativas, que chamava afetuosamente de *misioneritas*. Iniciou, depois, a Ação Católica no colégio e no oratório e propagou a devoção ao Sagrado Coração de Jesus e a Maria Auxiliadora, entronizando suas imagens nas famílias e sedes dos oratórios que ia criando.

Em 1971 colocou as bases de uma nova Associação de leigos, que tomará o nome de ASAYNE (*Asociación Ayuda a los*

*Necesitados*), com a finalidade de construir pequenas e dignas moradas para as pessoas e famílias sem teto, obrigadas a viver sob as pontes ou às margens do rio. O projeto teve sua primeira realização com sete “casuchas” e cresceu continuamente após a sua morte, pelo trabalho empenhado da Associação.

Todas essas obras, empreendidas e realizadas sempre com a aprovação e a bênção do Arcebispo de São José, eram apoiadas pela contribuição generosa e pelo serviço de muitíssimas pessoas, conquistadas pelo seu zelo pela causa das obras de caridade e sociais.

Embora trabalhando com atividade incansável na promoção humana e cristã dos pobres, Ir. Maria não deixava de cultivar assiduamente a própria vida espiritual com grande diligência, perseverança e alegria interior. Imersa na contemplação dos mistérios divinos, foi dotada pelo Alto de carismas peculiares, que colocou a serviço da Igreja e do bem da sociedade.

Em seu esforço de conformação cotidiana a Cristo, exercitava as virtudes cristãs e alcançou um alto grau de perfeição

evangélica. A fé foi luz e força de sua vida e de apostolado multiforme: cria firmemente em Deus e em sua Palavra, e abandonava-se confiante ao seu Amor e à sua Providência. Soube viver das verdades nas quais cria, dando a todos um esplêndido exemplo de fidelidade a Deus, à Igreja e ao homem, ao carisma salesiano e à própria consagração.

Caminhava com Deus, e a sua união profunda com Ele era substanciada de oração assídua, na contemplação das verdades eternas e na fervorosa piedade eucarística e Mariana.

Iluminada pela fé, sabia perceber Deus presente no Pontífice, nos superiores, nos pobres, nos irmãos e nas circunstâncias alegres e tristes da própria vida. Amando a Deus com toda a mente, com todo o coração e com todas as forças, foi sempre fiel em realizar a sua vontade, em fugir do pecado e em dedicar-se à construção do seu Reino. Foi toda de Deus, da Igreja e dos pobres, que amou não com palavras, mas com os fatos e na verdade, gastando cotidianamente a vida por eles (cf. *JJo* 3,16-18).

Dotada de excepcional sensibilidade missionária, não perdia

nenhuma ocasião para anunciar Cristo salvador e conquistar novos filhos a Deus e à santa Mãe Igreja. Dificuldades, obstáculos, infortúnios jamais perturbaram a sua serena paz interior, nem alteraram nela a contínua disponibilidade na dedicação aos outros. Sua esperança era colocada em Deus e na força da oração. Alheia às coisas do mundo e desapegada de si mesma, só procurava os bens eternos e se esforçava por merecê-los com a realização da vontade de Deus.

Praticava a prudência, adotando sempre as melhores opções em vista da santificação própria e da salvação dos irmãos. Era moderada nas conversas, corajosa e ponderada nas iniciativas que tomava, prudente no aconselhamento. Dava atenção, com grande sensibilidade, às exigências do seu tempo e das pessoas que a freqüentavam, preocupada em oferecer a todos a máxima ajuda e fazer com que ninguém sofresse. Exerceu a justiça para com Deus e o próximo: foi perseverante no bem e forte nas dificuldades: “O Senhor é a minha força”, costumava dizer. Usava moderação vigilante sobre si mesma, sobre o próprio temperamento, e

cultivava a mortificação e a temperança.

Observou fielmente por toda a vida os votos religiosos de obediência, pobreza e castidade, e soube manter-se humilde apesar do apreço e notoriedade que gozava pelo sucesso de suas obras pastorais. Sua presença irradiava alegria porque o seu coração estava sempre cheio de Deus, que santificava a sua vida. Até o último de seus dias, procurou fazer-se toda para todos, para salvar alguns a qualquer custo (*1Cor* 9,22). O Senhor, que a Serva de Deus gostava de chamar de “o seu Rei”, introduziu-a na vida eterna em 7 de julho de 1977.

A fama de santidade, que já brilhava durante sua vida, cresceu depois da morte; por isso, o Arcebispo de São José da Costa Rica deu início à Causa de beatificação e canonização e, nos anos 1988-1992, instruiu a sindicância diocesana, cuja validade foi reconhecida pela Congregação para as Causas dos Santos com Decreto de 8 de janeiro de 1993.

Foi preparada, em seguida, a *Positio* e, segundo as normas, houve a discussão para apurar se a Serva de Deus praticou em grau heróico as virtudes teologais, car-

deais e outras conexas. Em 7 de março de 2000, o Congresso especial dos Consultores Teólogos deu resposta favorável, como também a Sessão ordinária dos Padres Cardeais e Bispos realizada em 3 de outubro do mesmo ano, sendo Ponente da Causa o Exmo. Sr. Dom Lorenzo Chiarinelli, Bispo de Viterbo.

O abaixo-assinado Prefeito apresentou disso tudo uma cuidada relação ao Sumo Pontífice João Paulo II, que aceitou e ratificou os votos da Congregação dos Santos e dispôs que fosse redigido o Decreto sobre as virtudes heróicas da Serva de Deus.

Feito tudo isso e convocados nesta data o abaixo-assinado Prefeito, o Ponente da Causa, comigo, Bispo Secretário da Congregação, e as demais pessoas interessadas, à presença deles o Santo Padre declarou solenemente que “*Consta da prática em grau heróico das virtudes teologais: Fé, Esperança e Caridade para com Deus e com o próximo, como também das virtudes cardeais: Prudência, Justiça, Temperança e Fortaleza, e das demais conexas, por parte da serva de Deus* **MARÍA ROMERO MENESES**, Irmã professora do Instituto das

*Filhas de Maria Auxiliadora, para os efeitos de que se trata”.*

O Santo Padre dispôs, também, que o presente Decreto fosse publicado e reportado nos atos da Congregação para as Causas dos Santos.

Dado em Roma no dia 18 de dezembro de 2000.

@ JOSÉ SARAIVA MARTINS  
Arc. Tit. de Tuburnica  
*Prefeito*

@ EDWARD NOWAK  
Arc. Tit. de Luni  
*Secretário*

### 5.3 Novos Inspectores

*Apresentam-se alguns dados sobre os Inspectores nomeados pelo Reitor-Mor com o seu Conselho durante a sessão plenária de dezembro de 2000 – janeiro de 2001.*

#### 1. GUERRERO CORDOVA Héctor, *inspector de Guadalajara, México*

Foi nomeado para guiar a Inspeção de Guadalajara (México), o sacerdote Héctor

GUERRERO CORDOVA, que sucede o P. Salvador Flores Revelles.

Héctor Guerrero, originário da Cidade do México, onde nasceu em 14 de setembro de 1941, tornou-se salesiano em 16 de agosto de 1959, quando emitiu a primeira profissão religiosa em Coacalco, onde fizera o Noviciado.

Após os estudos filosóficos e o tirocínio prático, segundo o currículo salesiano, emitiu a profissão perpétua (20-07-1965) e frequentou a Teologia no estudantado de Coacalco, onde recebeu os Ministérios e o Diaconato. Em 28 de dezembro de 1968 era ordenado presbítero na Cidade do México.

Encontramo-lo empenhado, após a ordenação sacerdotal, em tarefas apostólicas e, em seguida, são-lhe confiados encargos de responsabilidade. Em 1972 é nomeado diretor de Sahuayo; em 1974 é transferido — como diretor — a Leon — “Ciudad Del Niño”. Em 1983 é-lhe confiada a guia do Instituto de San Luis Potosí, onde permanece por nove anos, até 1992, quando é enviado a dirigir a casa de Guadalajara — “Garibaldi”. Em 1995 é inserido

no Conselho Inspetorial e em 1996 é-lhe confiado o encargo de Vigário do Inspetor, que ainda mantinha no momento da nomeação como Inspetor.

## 2. *HON TAI-FAI Sávio, inspetor da Inspetoria da China*

O novo Inspetor da Inspetoria “Maria Auxiliadora” da China, com sede em Hong Kong, é o sacerdote *Sávio HON Tai-fai*. Sucede ao P. Peter Ho, no final do seu mandato.

*Sávio Hon Tai-Fai* nasceu em Hong Kong em 21 de outubro de 1950 e é salesiano desde 15 de agosto de 1969, quando concluiu o Noviciado feito em Hong Kong. Após os estudos filosóficos e pedagógicos, com o B.A. em Filosofia, foi à Universidade Pontifícia Salesiana de Roma para os estudos teológicos. Foi ordenado presbítero em Hong Kong em 17 de julho de 1982.

Depois da ordenação sacerdotal e de um outro ano passado em Roma (para completar os estudos com a Licença em Teologia), trabalhou como professor na “Salesian House of Studies” de Hong Kong. Em 1989 foi nomeado diretor da Casa Inspetorial “St.

Anthony”. Recebeu o encargo (1995-1996) de Vigário do Inspetor e, desde 1998, o de diretor da “Salesian House of Studies”. Desde 1999 era também encarregado do Boletim Salesiano chinês. Foi delegado ao CG24.

## 3. *LETE LIZASO Ignacio, inspetor de Bilbao, Espanha*

Ao final do sexênio do P. Isaac Díez de la Iglesia, o P. *Ignacio LETE LIZASO* foi nomeado para sucedê-lo na guia da Inspetoria de Bilbao, Espanha.

*Ignacio Lete* nasceu em 23 de abril de 1952 em San Sebastián (província de Guipuzcoa, Espanha). Concluído o Noviciado, feito em Logroño, emitiu a primeira profissão salesiana em 16 de agosto de 1971, percorrendo depois o currículo formativo salesiano. Professo perpétuo em 1977, fez os estudos teológicos em Vitoria, onde foi ordenado presbítero em 3 de maio de 1981.

Após a ordenação presbiteral, iniciou o ministério apostólico em Urnieta (1985-1986), mas depois de um ano foi enviado a Roma, Universidade Pontifícia Salesiana, para completar e aprofundar seus estudos.

Retornando à Inspetoria, foi nomeado diretor da grande obra de Bilbao — Deusto “Maria Auxiliadora”, onde ficou por um sexênio (1991-1997). Foi transferido depois à casa de Santander e em 1998 ao Colégio de Logroño como Vigário local.

4. *SPRONCK Herman, inspetor da Inspetoria da Holanda*

*Herman SPRONCK* é o novo Inspetor da Holanda, sucedendo ao P. Wim Flapper, ao final do seu mandato.

Nascido em 26 de março de 1936 em Maastricht (Limburg), Herman Spronck tornou-se salesiano em 16 de agosto de 1958, quando emitiu a primeira profissão religiosa em Twello, no final do Noviciado. Seguindo o currículo formativo salesiano, fez a profissão perpétua em 16 de agosto de 1962. Foi enviado, em seguida, à Itália, para os estudos teológicos, no Pontifício Ateneu Salesiano, antes em Turim, depois em Roma. Concluiu os estudos com a Licença em Teologia e a ordenação presbiteral, que recebeu em Utrecht no dia 10 de julho de 1967.

Após a ordenação, retornou

à Inspetoria, onde trabalhou vários anos numa obra para jovens deficientes e no ministério pastoral. A partir de 1985 esteve ligado à comunidade de Apeldoorn, depois à comunidade do Centro Inspetorial. De 1995 a 1999 foi Conselheiro Inspetorial. Participou como Delegado ao CG24.

5. *VALERDI SANCHEZ Luis Rolando, Inspetor do México (México)*

O novo Inspetor da Inspetoria N. Sra. de Guadalupe, do México (México) é o padre *Luis Rolando VALERDI SANCHEZ*. Sucede ao P. Luis Felipe Gallardo, nomeado pelo Santo Padre Bispo Prelado de Mixes.

Luis Rolando Valerdi nasceu em 6 de agosto de 1951 na Cidade do México, e é salesiano desde 23 de agosto de 1970, quando emitiu a primeira profissão religiosa em Coacalco, sede do Noviciado. Fez o pós-noviciado nessa mesma casa e, em seguida, o tirocínio prático. Em 19 de agosto de 1977 fez a profissão perpétua, tendo já iniciado os estudos teológicos na Cidade do México. Em 8 de dezembro de 1979 foi ordenado presbítero.

Após a ordenação sacerdotal esteve empenhado no trabalho educativo e pastoral em algumas Casas. Em 1988 foi-lhe confiada a direção da grande obra de “Santa Julia” na Cidade do México. Em 1990, foi inserido no Conselho Inspetorial. Em 1991 foi feito diretor da Casa de Barrientos, tarefa que desenvolveu com competência até sua nomeação como Inspetor.

#### **5.4 Novos Cardeais Salesianos. Saudação do Reitor-Mor**

O Sumo Pontífice João Paulo II associou ao Colégio dos Cardeais da Santa Igreja Romana, 37 novos membros, impondo-lhes o barrete cardinalício e confiando a cada um o título ou a diaconia na Igreja de Roma. O Consistório Público foi realizado na Praça de São Pedro na manhã de 21 de fevereiro de 2001. No dia seguinte, 22 de fevereiro, festa da Cátedra de São Pedro, o Santo Padre concelebrou com os novos Cardeais, entregando-lhes o anel, que significa o novo liame especial com a Sé de Pedro.

Entre os novos purpurados, o Santo Padre incluiu dois Bispos

salesianos, que se unem aos nossos outros quatro irmãos já presentes no Colégio cardinalício, no testemunho do estilo pastoral próprio do carisma de Dom Bosco.

Os dois novos Cardeais salesianos são:

- **Card. Oscar Rodríguez Maradiaga**, Arcebispo de Tegucigalpa (Honduras), eleito Bispo em 1978 como Auxiliar (cf. ACG 291, p. 56), promovido em 1993 como Metropolitano da sede de Tegucigalpa;
- **Card. Ignacio Velasco García**, Arcebispo de Caracas (Venezuela), eleito Bispo em 1989 no Vicariato de Puerto Ayacucho (cf. ACG 332, p. 79), promovido em 1995 à sede metropolitana de Caracas.

À tarde de 23 de fevereiro, os Cardeais salesianos (os novos e os que já estavam no cargo, à exceção dos Cardeais Ignacio Velasco e Rosalio Castillo, que retornaram no mesmo dia a Caracas devido à morte do Arcebispo emérito) reuniram-se na Casa Geral, ao redor do Reitor-Mor, do seu Vigário, dos membros do Conselho presentes em Roma e

dos irmãos da Casa. Houve, antes de tudo, um encontro de oração na Capela, presidido pelo Reitor-Mor, para dar graças a Deus e invocar o seu Espírito sobre o ministério de nossos irmãos Cardeais.

Seguiu-se o momento de convívio da ceia, no qual se expressou a fraternidade e a alegria por este novo dom concedido à Congregação.

Apresentam-se as palavras de saudação e augúrios que o Reitor-Mor dirigiu aos nossos Cardeais durante a celebração na Capela:

“Cumprimento com muito prazer Sua Eminência Oscar Rodríguez Maradiaga, e também Sua Eminência Ignacio Velasco García. Espero que este me tenha ouvido através da Internet e do Fax, dado que não pode estar presente nesta ocasião. Cumprimos ainda os Cardeais, podemos dizer, antigos, que há vários anos adquiriram as benemerências do serviço cardinalício. Não me alongarei numa homilia, discurso ou apresentação biográfica, embora fosse muito útil. Quero somente exprimir com poucas palavras a nossa alegria de vos poder acolher hoje nesta Casa Geral que, como

sabeis, é o ponto para onde convergem os olhos de 1.800 comunidades salesianas e de 17.000 irmãos. É o centro carismático e administrativo enquanto Valdocco continua o centro carismático espiritual.

Com viva satisfação e com grande afeto, desejo apresentar as mais vivas felicitações, com a garantia da oração, minha e de toda a Congregação, aos dois Irmãos que o Santo Padre quis elevar nestes dias à dignidade cardinalícia.

Temos hoje uma coincidência feliz: não estão aqui presentes somente os Salesianos. Aqui estão, também, as FMA e as Filhas dos Sagrados Corações, e, por isso, está presente a Família Salesiana, que se une a nós.

As palavras que delineiam esta dignidade e este ofício (“cardeal”, “púrpura”, “senado do Papa”, “Colégio”...) são ao mesmo tempo *verdade* e *profecia*, e poderiam ser sintetizadas na categoria da “fidelidade”, constitutiva do modo de “ser Igreja” e “na Igreja” dos *Christifideles Cardinales*.

Temos, sobretudo, duas razões fortes para celebrar e alegrar-nos convosco e manter-nos ainda mais unidos na oração. Como

sabeis, Dom Bosco fez um famoso estudo sobre a vinda de São Pedro a Roma, e justamente ontem celebramos a festa da catedral de Pedro. Toda criação de novos Cardeais empenha e une todos os membros do Povo de Deus — e particularmente nós Salesianos, que nos caracterizamos por uma especial devoção à Sé de Pedro — na fidelidade e no amor íntegro à única Igreja, que tem no ministério do Bispo de Roma o seu eixo e a promessa divina de indefectível realização da missão de salvação.

A segunda razão é o nosso carisma pastoral que, em vosso nível de Bispos e Cardeais, se vê consagrado com as máximas responsabilidades que vos são confiadas. É pastor o coadjutor, é pastor o sacerdote, é pastor, sobretudo o Bispo. Há em nossa história 195 Bispos, dos quais 102 ainda vivos. E esta nomeação ao Cardinalato é um papel pastoral, reconhecido pela Igreja.

Os Salesianos — sabemoslo bem — não almejam cargos eclesiásticos, mas a criação de dois novos Cardeais entre os nossos Irmãos assume um significado particular. É o reconheci-

to autorizado, por parte do Sucessor de Pedro, de um nível altamente qualificado da missão pastoral que a Congregação e a Família Salesiana desenvolvem na Igreja e no mundo, em favor da juventude.

Agradeço-vos, por isso, eminentíssimos Irmãos, e estou certo de que continuareis a olhar para a Vossa Congregação com gratidão e amor.

O que vos posso dizer ainda, neste momento tão importante para a Vossa vida, para a vida da nossa Congregação e de toda a Igreja?

Quero recordar-vos apenas um episódio da vida de Dom Bosco, de 7 de dezembro de 1884, quando o nosso Pai assistiu à consagração episcopal do seu filho dileto, P. João Cagliero. Algumas semanas depois, quando o novo Bispo punha-se em viagem para a Patagônia, como Pró-Vigário Apostólico, Dom Bosco o acompanhava com um escrito:

‘Deus te abençoe — escrevia-lhe, e eu o repito a vós em nome de Dom Bosco, — e Maria seja a tua guia para conquistar muitas almas para o céu’. Entregava-lhe, também, as palavras de um hino, que se deveria cantar às

margens do Rio Negro, na Patagônia, nas proximidades de Viedma, minha cidade natal.

As palavras estavam em latim. Repito-as agora, em italiano:

‘O Maria, Virgem potente, tu és o nosso grande e glorioso presídio; tu, extraordinário auxílio dos Cristãos; tu, terrível como um exército em ordem de batalha; tu, sozinha, aniquilaste todas as heresias em todas as partes do mundo; tu, nas dificuldades, tu, nas lutas, tu, nas angústias, defende-nos do inimigo, e na hora da morte acolhe-nos na alegria eterna’ (*MB XVII*, pp. 309-310).

Sim, caros Irmãos e Emi-nências reverendíssimas: com as mesmas palavras de Dom Bosco, quero confiar-vos a Maria Auxiliadora, a Mãe do Bom Pastor.

Maria, a estrela da nova evangelização, que resplende na aurora do novo milênio, guie os vossos passos. Acolhei-a de novo, neste momento, como a Mãe que o Senhor vos deu sobre a Cruz: e caminhai com coragem, ao lado das Igrejas que vos são confiadas, para a meta bem-aventurada, que a todos nos espera”.

## 5.5 Novo Bispo Salesiano

*Dom Giuseppe BAUSARDO, Vigário Apostólico de Alexandria do Egito*

Em 25 de fevereiro de 2001 o *Osservatore Romano* publicava a notícia da nomeação — por parte do Santo Padre — do sacerdote salesiano *Giuseppe BAUSARDO*, atualmente Diretor da casa salesiana do Cairo, Egito, como *Vigário Apostólico de Alexandria do Egito (dos Latinos)*, dando-lhe a sede titular de *Ida da Mauritània*.

Giuseppe Bausardo nasceu no Cairo em 24 de abril de 1951. Entrou no Noviciado salesiano da Inspeção do Oriente Médio, em El Houssoun, no Líbano, emitindo a primeira profissão em 29 de setembro de 1968 e, depois dos estudos filosóficos e do tirocínio prático, fez a profissão perpétua em 14 de setembro de 1974. Frequentou o curso de Teologia no estudantado salesiano de Cremisan, e foi ordenado presbítero no dia 2 de julho de 1978.

Após um período de experiência educativa e apostólica, foi à Itália para qualificar-se nos

estudos, em vista do ensino nas escolas da Inspetoria. Frequentou o Politécnico de Turim, residindo na Crocetta, e conseguiu a Licença em Engenharia Mecânica.

Retornando à Inspetoria, foi Diretor dos estudos da Escola Profissional Italiana de Alexandria do Egito nos anos 1988-1991. De 1991 a 1995 foi diretor da mesma

Casa de Alexandria do Egito. Em 1995 foi nomeado Diretor de estudos do Instituto Técnico Profissional “Dom Bosco” do Cairo e Diretor da comunidade salesiana. Desde 1993 era membro do Conselho Inspetorial.

O Santo Padre, agora, confia-lhe a não fácil missão de animar e guiar o Vicariato dos Latinos no Egito.

## 5.6 Estatísticas do pessoal salesiano em 31.12.2000

Insp.	Total 1999	Professos Temporários				Professos Perpétuos				Total professos	Noviços	Total 2000
		L	S	D	P	L	S	D	P			
AET	92	11	31	0	0	11	4	0	27	84	3	87
AFC	269	14	71	0	0	36	12	0	120	253	20	273
AFE	154	4	40	0	0	18	7	0	85	154	4	158
AFM	63	6	2	0	0	5	0	0	48	61	2	63
AFO	110	4	20	0	0	12	4	0	69	109	4	113
ANG*	0	6	14	0	0	8	0	0	30	58	4	62
ATE	100	3	18	0	0	10	2	0	57	90	9	99
ANT	191	5	42	0	0	14	8	0	105	174	13	187
ABA	151	0	6	0	1	14	1	0	120	142	1	143
ABB	130	3	10	0	0	10	1	0	105	129	1	130
ACO	145	4	18	0	0	12	3	0	101	138	4	142
ALP	101	8	7	0	0	13	8	0	62	98	0	98
ARO	132	7	15	0	0	12	4	0	85	123	6	129
AUL	125	3	15	0	0	17	1	0	84	120	5	125
AUS	108	1	3	0	0	10	3	1	82	100	0	100
BEN	213	2	4	0	0	22	2	0	174	204	0	204
BES	92	0	4	0	0	13	0	0	71	88	0	88
BOL	155	8	37	0	0	14	7	0	77	143	4	147
BBH	156	6	17	0	0	20	4	0	106	153	10	163
BCG	151	6	22	0	0	22	7	0	91	148	5	153
BMA	123	1	18	0	0	15	3	0	75	112	5	117
BPA	110	1	7	0	0	9	8	0	77	102	5	107
BRE	106	6	26	0	0	14	4	0	52	102	5	107
BSP	221	1	16	0	0	22	3	0	120	162	4	166
CAM	222	3	15	0	1	29	8	0	154	210	5	215
CAN	35	0	0	0	0	5	1	0	28	34	0	34
CEP	196	4	8	0	0	12	11	1	157	193	0	193
CIL	238	3	27	0	0	18	16	0	163	227	6	233
CIN	133	1	4	0	0	33	2	1	88	129	0	129
COB	167	3	21	0	0	24	4	0	110	162	7	169
COM	175	4	31	0	1	18	7	0	105	166	7	173
CRO	84	1	5	0	0	4	4	0	67	81	0	81
ECU	221	4	26	0	0	22	10	0	151	213	7	220
EST	142	2	40	0	0	1	9	0	73	125	19	144
FIN	190	3	24	0	0	19	3	0	138	187	10	197
FIS	90	0	16	0	0	11	5	0	59	91	5	96
FRA	297	0	4	0	0	45	3	0	227	279	2	281
GBR	118	0	3	0	0	12	1	0	99	115	0	115
GEK	176	6	12	0	1	33	3	0	113	168	0	168
GEM	263	4	9	0	0	56	2	0	194	265	0	265
GIA	143	1	13	0	0	20	12	0	96	142	0	142

Insp.	Total 1999	Professos Temporários				Professos Perpétuos				Total professos	Noviços	Total 2000
		L	S	D	P	L	S	D	P			
HAI	63	1	20	0	1	2	4	0	27	55	1	56
INB	266	3	44	0	0	20	25	0	168	260	20	280
INC	259	8	63	0	0	22	14	0	146	253	19	272
IND	221	4	61	0	0	6	14	0	127	212	16	228
ING	348	13	88	0	0	24	23	0	177	325	15	340
INH	167	3	54	0	0	4	20	0	75	156	13	169
INK	283	4	93	0	0	7	22	0	154	280	22	302
INM	339	9	83	0	0	21	21	0	201	335	23	358
INN	124	2	38	0	0	12	7	0	57	116	7	123
INT	164	5	67	0	0	4	19	0	64	159	13	172
IRL	110	1	4	0	0	8	2	0	92	107	0	107
IAD	146	0	27	0	0	19	4	0	94	144	3	147
ICP	758	5	39	0	0	193	10	1	478	726	4	730
ILE	408	4	25	0	0	56	10	0	302	397	2	399
ILT	202	2	24	0	0	28	5	1	142	202	1	203
IME	298	1	24	0	0	35	5	0	225	290	6	296
IRO	283	0	8	0	0	55	0	2	199	264	1	265
ISA	67	0	3	0	0	4	1	0	58	66	0	66
ISI	298	1	15	0	0	26	2	1	243	288	5	293
IVE	282	1	29	0	0	46	7	1	181	265	4	269
IVO	207	4	4	0	0	44	3	0	151	206	1	207
ITM	134	7	55	0	0	7	5	1	31	106	9	115
KOR	106	9	25	0	0	14	4	0	49	101	2	103
MDG	77	2	20	0	0	8	6	0	42	78	5	8
MEG	226	8	37	0	0	12	13	1	138	209	13	222
MEM	181	2	27	0	0	13	14	0	109	165	6	171
MOR	121	1	13	0	1	19	5	0	87	126	2	128
LA	70	0	0	0	0	19	2	1	45	67	0	67
PAR	109	5	16	0	0	6	7	0	68	102	0	102
PER	190	9	42	0	0	12	9	0	103	175	8	183
PLE	329	3	71	0	0	15	10	0	218	317	11	328
PLN	311	3	50	0	0	12	22	0	219	306	14	320
PLO	231	0	25	0	0	1	6	0	194	226	12	238
PLS	250	1	31	0	0	9	14	0	187	242	9	251
POR	198	2	31	0	0	43	15	1	110	202	2	204
SLK	259	12	61	0	0	9	24	0	139	245	13	258
SLO	131	0	6	0	0	10	2	0	104	122	0	122
SBA	204	0	4	0	0	34	3	1	156	198	2	200
SBI	215	1	7	0	0	54	5	1	138	206	0	206
SCO	124	0	13	0	0	5	5	1	88	112	2	114
SLE	225	3	5	0	0	71	3	0	137	219	2	221
SMA	344	1	16	0	0	89	22	0	209	337	5	342
SSE	175	1	19	0	0	25	8	0	116	169	2	171

## 88 ATOS DO CONSELHO GERAL

Insp.	Total 1999	Professos Temporários				Professos Perpétuos				Total professos	Noviços	Total 2000
		L	S	D	P	L	S	D	P			
SVA	180	2	15	0	0	28	3	1	122	171	2	173
SUE	219	0	9	0	0	40	5	0	143	197	3	200
SUO	125	1	11	0	0	27	4	0	82	125	0	125
THA	88	0	8	0	0	14	3	0	61	86	2	88
UNG	60	2	4	0	0	4	3	0	43	56	2	58
URU	125	0	17	0	0	6	3	0	95	121	2	123
VEN	263	5	46	0	2	18	10	1	157	239	8	247
VIE	169	13	46	0	0	18	24	0	62	163	16	179
ZMB	64	0	9	0	0	5	4	0	44	62	0	62
UPS	133	0	0	0	0	11	0	0	115	126	0	126
RMG	83	0	0	0	0	16	0	0	69	85	0	85
<b>Total</b>	<b>17100</b>	<b>313</b>	<b>2273</b>	<b>0</b>	<b>8</b>	<b>2025</b>	<b>678</b>	<b>18</b>	<b>11086</b>	<b>16401</b>	<b>512</b>	<b>16913</b>
<b>Bispos</b>	<b>96</b>									<b>101</b>		<b>101</b>
<b>Total</b>	<b>17196</b>	<b>313</b>	<b>2273</b>	<b>0</b>	<b>8</b>	<b>2025</b>	<b>678</b>	<b>18</b>	<b>11086</b>	<b>16502</b>	<b>512</b>	<b>17014</b>

Nota (\*): Em 2000 teve início a nova Visitadoria de Angola (ANG), anteriormente Delegação da Inspeção de São Paulo, Brasil. Tenha-se presente isso na leitura dos dados.

## 5.7 Irmãos falecidos (2001 – 1º elenco)

«A fé em Cristo ressuscitado sustenta a nossa esperança e mantém viva a comunhão com os irmãos que repousam na paz de Cristo. Consumiram a vida na Congregação, e não poucos sofreram até mesmo o martírio por amor do Senhor... Sua lembrança é estímulo para continuarmos com fidelidade nossa missão» (*Const.* 94).

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
L ADÁMEK Viliam	Manaus	05-06-2000	85	BMA
L BONELLI Jean	Toulon	11-06-2000	88	FRA
P CASATI Giovanni	Arese (MI)	26-11-2000	84	ILE
P COLOMBO Pietro	Monza (MI)	12-12-2000	79	ILE
P CRNJAKOVIC Franjo	Zagreb	20-11-2000	77	CRO
P GARCIA PADRON Luis Antonio	San Isidro (Bs. As.)	05-04-2000	70	ABA
P GOMBOS Mihaly Gyula-Karoly	Edmonton	31-12-1000	76	CAN
P HAWRANEK Franz	Viena	05-04-2000	85	AUS
L IGEL Josef	Benediktbeuern	29-11-2000	87	GEM
P IOVINE Horacio	Rosario	14-12-2000	96	ARO
P LÁZARO CÁMARA Juan	Bilbao	07-12-2000	79	SBI
L REMIGI Angelo	Roma	08-08-2000	78	IRO
P BARRAGAN Jorge	Agua de Diós	03-03-2001	67	COB
L BERNER Konrad	Bamberg (Baviera)	03-01-2001	84	GEM
P BOCCOTTI Andrea	Castiglione d'Adda (Lodi)	26-02-2001	61	THA
P BOYENS Benoit	Woluwe-Saint-Lambert	25-01-2001	54	BES
P CARTIER François	Chambéry	05-03-2001	77	FRA
P CICUTA Mario Adone	Turim	24-01-2001	91	ICP
P CIFUENTES Fernando	Santiago do Chile	26-01-2001	88	CIL
P DE PRETTO Luigi	Venilale	06-01-2001	75	ITM
P DEMMELEER Franz	Ensdorf (Baviera)	09-02-2001	84	GEM
P DITTLER Celestino	La Plata	02-02-2001	67	ALP
P DOSSI Luigi	Varazze (SV)	28-01-2001	69	ILT
P ELVIRA PRIMERO Alíció	Barcelona (Spagna)	19-01-2001	67	COB
P FERRARINI Ezio	Varazze (SV)	23-01-2001	91	ILT
P FIAS István	Szombathely	28-03-2001	81	UNG
P FRANZINI Clemente	Roma	03-01-2001	74	IRO

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
<b>P FULHABER Auguste</b>	Toulon	26-01-2001	77	FRA
<b>L FÜLLE Walter Peter</b>	Helenenberg	28-03-2001	51	GEK
<b>P GARRIDO MELGAR Antonio</b>	Sevilha	21-03-2001	77	SSE
<b>L GELPÍ RIPOLL Francisco</b>	Campello	06-01-2001	91	ITM
<b>P GHISLAIN Jean</b>	Verviers	06-02-2001	68	BES
<b>P GOMEZ CALAMA Ildefonso</b>	Sevilha	13-03-2001	77	SSE
<b>P GRANATOWSKI Jan</b>	Slupsk	14-02-2001	62	PLN
<b>P HEIMLER Adolf</b>	Lan Ingolstadt (Baviera)	01-03-2001	72	GEM
<b>P INVERNIZZI Dante</b>	Castel de' Britti (BO)	29-01-2001	84	ILE
<b>P JABLONICKY Viliam</b>	Trnava	09-03-2001	80	SLK
<b>P JEGOUSSO Lucien</b>	Yaoundé (Cameroun)	22-01-2001	69	ATE
<b>P JIMÉNEZ SÁNCHEZ Jesús</b>	Madri	15-01-2001	69	SMA
<b>L KOLL Karl-Heinz</b>	Velbert	30-03-2001	46	GEK
<b>P LEIDI Libero</b>	Turim	05-02-2001	85	ICP
<b>L LUCCA Francesco</b>	Castellammare di Stabia	27-03-2001	79	IME
<b>L MANETTI Giuseppe</b>	Varazze (SV)	11-01-2001	86	ILT
<b>P MARTON Dino</b>	Castello di Godego (TV)	05-02-2000	83	RMG
<b>L McLINDEN John</b>	Lynwood	16-01-2001	74	SUO
<b>P MILLAN Clímaco Abel</b>	Medellín	25-02-2001	55	COM
<b>P MUÑOYERRO DIAZ Bernardo</b>	Pamplona	09-02-2001	68	SBI
<b>P MURARO Giuseppe</b>	Santiago do Chile	28-02-2001	88	CIL
<b>P NOWACKI Józef</b>	Le Creusot (França)	07-03-2001	62	PLS
<b>P O'BYRNE Pearse</b>	Hammersmith (Londres)	15-02-2001	83	GBR
<b>P PAPA Calogero</b>	Pedara (CT)	13-01-2001	72	ISI
<b>P PERIN Giovanni</b>	Pietrasanta	22-01-2001	81	ILT
<b>P PEROTTO Luigi</b>	Turim	22-02-2001	59	ICP
<b>L PINAMARUKIL James</b>	Krishnagar	21-01-2001	55	INC
<b>P RATHOD Edward</b>	Gujarat	15-01-2001	38	INB
<b>P ROBIJNS Albert</b>	Liège	12-03-2001	85	BES
<b>L RODRIGUEZ GARCIA Gumersindo</b>	Vigo	21-01-2001	89	SLE
<b>L ROMAN Aldo</b>	New Rochelle, NY	28-03-2001	75	SUE
<b>P SCHINCARIOL Emilio</b>	Civitanova Marche	26-01-2001	86	IAD
<b>P SUSANA Ferruccio</b>	Castello di Godego (TV)	12-02-2001	87	IVE
<b>P SZMYT Eugeniusz</b>	Rumia	28-02-2001	65	PLN
<b>P SZÜCS József</b>	Székesfehérvár	15-01-2001	85	UNG

NOME	LUGAR	DATA DA MORTE	IDADE	INSP.
<b>P SZULEJKO Wladyslaw</b>	Debrzno	27-02-2001	83	PLN
<b>P TASSELLO Francesco</b>	Mogliano Veneto (TV)	03-01-2001	86	IVE
<b>P TUREK Marian</b>	Lubin	17-03-2001	69	PLO
<b>L VALLEJO José Ramón</b>	La Plata	03-01-2001	91	ALP
<b>P VAN LEUKEN Piet</b>	Antwerpen (Belgio)	20-01-2001	70	BEN
<b>P VERANO Jorge Enrique</b>	Bucaramanga	28-01-2001	70	COB
<b>P VERRI Mario</b>	Lombriasco	01-04-2001	86	ICP
<b>S WREH Bartholomew</b>	Monrovia (Liberia)	14-01-2001	27	GBR
<b>P ZAJAC Gustaw</b>	Szczecin	15-02-2001	54	PLN
<b>P ZANTKUYIL Emmanuel</b>	Oud-Heverlee	08-03-2001	82	BEN
<b>P ZAPPA Luigi</b>	Parma	10-01-2001	77	ILE
<b>P ZERDIN Stefan</b>	Trstenik	16-02-2001	78	SLO

*Foi Inspetor por seis anos*

*Nota:* A primeira parte traz o elenco de alguns irmãos falecidos em 2000, que não foram notificados anteriormente por não se ter notícia de sua morte por vários motivos.





Impressão e acabamento:

**SALESIANAS**

ESCOLAS PROFISSIONAIS SALESIANAS

Rua Dom Bosco, 441 • CEP 03105-020 • São Paulo • SP

Fone: (11) 3277-3211

E-mail: [sdbmoooca@salesianos.org.br](mailto:sdbmoooca@salesianos.org.br)